

CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS

3

DEZEMBRO/92

Biblioteca Setorial de IGG



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS



CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS é uma publicação editada pelo INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

Reitora: ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVEDO
Vice-Reitora: NADJA MARIA VALVERDE VIANA

Diretor: FRANCISCO JOSÉ GOMES MESQUITA
Vice-Diretor: LUIZ TARCISO CORDEIRO PAMPONET

Chefe do Depart. de Sedimentologia: ABÍLIO CARLOS DA S. P. BITTENCOURT
Chefe do Depart. de Geografia: CREUZA SANTOS LAGE
Chefe do Depart. de Geoquímica: DÉLIO JOSÉ FERRAZ PINHEIRO
Chefe do Depart. de Geologia e Geof. Aplicada: JOSÉ HAROLDO DA SILVA SÁ

Coord. do Coleg. de Grad. em Geografia: RAQUEL MARIA PÊPE
Coord. do Coleg. de Grad. em Geologia: SILVÂNIA MARIA OLIVEIRA MESQUITA
Coord. do Coleg. de Grad. em Geofísica: EDSON EMANOEL STARTERI SAMPAIO
Coord. do Curso de Pós-Grad. em Geologia: JOHILDO S. FIGUEIREDO BARBOSA
Coord. do Curso de Pós-Grad. em Geociências: LUCEDINO PAIXÃO RIBEIRO
Coord. do Curso de Pós-Grad. em Geofísica: OLIVAR ANTONIO LIMA DE LIMA
Coord. do Centro de Extensão do IGEO: MARIA TERESA TEIXEIRA ROCHA

Conselho Editorial: FRANCISCO JOSÉ GOMES MESQUITA
DÉLIO JOSÉ FERRAZ PINHEIRO
HÉDISON KIIVITY SATO
JOSÉ HAROLDO DA SILVA SÁ
PAULO VILAR DA S. V. SÁ
PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS

Diagramação e Composição: HÉDISON KIIVITY SATO
Impressão: CENTRO EDITORIAL E DIDÁTICO
DA UFBA
Tiragem: 600 EXEMPLARES

CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS

Universidade F. da Bahia
27/04/93
Inst. de Geociências
Biblioteca

ERRATA
CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS, Nº 3

- Pág. 4 - 15ª linha - onde se lê do Século, leia-se dos séculos
Pág. 6 - 44ª linha - onde se lê Crisbal, leia-se Cristobal
Pág. 10 - 8ª linha - onde se lê coexistência, leia-se coexistência
Pág. 11 - 29ª linha - onde se lê expontâneas, leia-se espontâneas
Pág. 20 - 22ª linha - onde se lê flebilizada, leia-se flexibilizada
Pág. 21 - 40ª linha - onde se lê ABUB, leia-se APUB
Pág. 26 - 6ª linha - onde se lê crusciais, leia-se cruciais
Pág. 38 - 38ª linha - onde se lê extendem, leia-se estendem
Pág. 44 - 1ª linha - onde se lê períodos Triássico..., leia-se um grande painel da Era Mesozóica. Desfilam em suas páginas, dinossauros dos períodos Triássico, Jurássico e Cretáceo.

CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS

DEZEMBRO, 1992

Sumário

EDITORIAL	i
CARTAS	1
OS MORTOS E OS VIVOS - (transcrição do editorial da Revista Isto É)	2
UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR DOS DESCOBRIMENTOS E OS EQUÍVOCOS DA DESCOBERTA DAS AMÉRICAS - <i>Jorge Falcão Paredes</i>	3
NOVA ALEMANHA, ANO II - <i>Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva</i>	13
ELEIÇÕES DIRETAS PARA DIRETOR E VICE-DIRETOR: UM COMPROMISSO DEMOCRÁTICO - <i>Francisco José Gomes Mesquita</i>	17
ESTATUINTE UNIVERSITÁRIA - <i>Joaquina Lacerda Leite</i>	19
ABAETÉ... UM LUXO? - <i>Paulo Eduardo Avanzo</i>	25
GEOLOGIA E DIALECTOLOGIA SE ENCONTRAM - <i>Suzana Alice Marcelino Cardoso</i>	27
CONSEQÜÊNCIAS DA PECUARIZAÇÃO EM SÃO GONÇALO DOS CAMPOS-BA - <i>Valdemiro Lopes dos Santos</i>	33
DINOSSAUROS: O FASCÍNIO DA (IR) REALIDADE - <i>Délio José Ferraz Pinheiro</i> ..	40
A PROPÓSITO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NA UFBA - <i>Neyde Maria Santos Gonçalves</i>	47
NOTAS SOBRE O PERFIL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFBA - <i>Iris Andréa Martins e Bárbara-Christine Nentwing Silva</i>	49
COLLOR FORA. E AGORA? - <i>Carminha Suzart</i>	54
UM CONTO PARA AS CRIATURAS DO ESPELHO - <i>Charbel Nino El-Hani</i>	56
A CAMPANHA "VIDRO PARA A VIDA" E SEUS DESDOBRAMENTOS - <i>Regina Celeste de A. Souza</i>	59
NOTÍCIAS	67

Os artigos podem ser reproduzidos, no todo ou em parte, com a condição de serem acompanhados do nome do autor, do registro "Reprodução dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS" e indicação da data. Três cópias deverão ser enviadas ao Instituto de Geociências.

Os artigos publicados nos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS são de inteira responsabilidade dos autores e não exprimem necessariamente a opinião do Instituto de Geociências ou do Conselho Editorial da Revista.

Cadernos de Geociências / Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. - Vol. 1, n. 3 (1992)-
- Salvador: GEO, UFBA, 1992-
v.; 22cm

Quadrimestral

1. Geociências - Periódicos I. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências

CDU 55:91(05)

Rua Barão de Geremoabo, s/n
Campus Universitário de Ondina
40.170-290 - Salvador - Bahia
Tels.: 247.2566* - 247.2775*
FAX (071) 247.3004

EDITORIAL

Um necrológio abre este terceiro número de CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS. Uma homenagem póstuma ao Dr. Ulysses Guimarães, exemplo invulgar de honradez política e de exercício de cidadania, vitimado na tragédia de Parati, no dia 12 de outubro de 1992.

Reune-se, nesta edição, textos sobre tão variada gama de assuntos que, sem dúvida, consolidam o caráter multifacetado pretendido para CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS. Coincidindo com as comemorações do quinto centenário da Descoberta da América, publica-se uma visão interdisciplinar dos descobrimentos ultramarinos do renascimento, abrangendo uma versão histórica sobre Cristóvão Colombo, ou Cristobal Colón, como quer o autor do artigo. Outro destaque desta edição situa-se na atualidade e conteúdo didático do artigo sobre a *Estatuante Universitária*, oportunamente publicado no momento em que deflagra-se o processo de revisão e atualização dos estatutos que regem a Universidade Federal da Bahia. Sob forma de documento introdutório, este artigo certamente estimulará a participação da comunidade universitária nas discussões e decisões sobre o tema. Igualmente oportuno é o artigo "*Abaeté... um Luxo!*", uma visão crítica sobre as intervenções apressadas e superficiais na área, cuja publicação ocorre ao mesmo tempo em que o Governo do Estado implanta o Projeto de Urbanização do Parque do Abaeté.

O Diretor do Instituto de Geociências apresenta, em linhas gerais, o panorama do processo democrático que mobilizou a comunidade para a eleição, livre e democrática, do Diretor e Vice-Diretor desta Unidade para o quadriênio 1993/97, mostrando através de quadro-sinópticos os resultados dessa eleição.

CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS mostra, em dois artigos, resultados de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores do Instituto de Geociências: "Consequências da Pecuarização em São Gonçalo dos Campos-BA" e "Notas sobre o Perfil dos Estudantes do Curso de Geografia da UFBA", ambos apresentados dentro da leveza e conteúdo que se afeiçoam a linha editorial da Revista. Destacam-se, ainda, um depoimento a respeito dos dois anos de reunificação da Alemanha, e o ensaio sobre ficção e realidade no mundo dos dinossauros, tendo como núcleo referencial o livro *O Parque dos Dinossauros*, recém-lançado no Brasil.

Esta edição oferece ainda uma reflexão sobre a crise política que culminou com o afastamento do Presidente Collor, e os novos desafios que devem ser enfrentados pela sociedade brasileira. Um artigo traça o perfil das atividades do Departamento de Geografia, historiando a implantação do Curso de Mestrado em Geografia. Em outro texto, a Coordenadora de Administração de Recursos Naturais do Programa Companheiros das Américas - Comitê Bahia/Pensilvânia analisa a evolução da Campanha "Vidro para a Vida", em pról do Hospital Aristides Maltez, destacando a participação do Instituto de Geociências.

Importante avanço editorial foi representado pela extensão da participação de colaboradores, antes restrita aos professores, funcionários e alunos do Instituto de Geociências. Nesta edição, são publicadas contribuições de professores do Instituto de Letras e do Instituto de Biologia, respectivamente, um artigo que põe em confronto duas diferentes ciências, a Geologia e a Dialectologia, e um texto poético sob forma de conto... "Um Conto para as Criaturas do Espelho".

Na última secção mantêm-se a divulgação de Notícias de interesse da comunidade.

Salvador, dezembro de 1992

Conselho Editorial

CARTAS

Ao Conselho Editorial da Revista CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS;

É com muita satisfação que acuso o recebimento do nº 2 dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS. Agradecendo a gentileza do oferecimento, solicito que me seja enviado o nº 1.

Valho-me da mesma oportunidade para louvar a iniciativa e parabenizar pela excelência da publicação.

Atenciosamente,

Consuelo Pondé de Sena
Chefe do Depart. de Antropologia e
Etnologia
Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas da UFBA

Caro Professor Délio Pinheiro,

Fiquei surpreso e imensamente feliz pela riqueza e oportunidade de seus textos, reproduzidos no periódico CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS. Quero parabenizá-lo e ao mesmo tempo dizer-lhe que levarei estes textos para reflexão junto aos meus alunos de Extensão Rural.

Sem mais, desejo que sua reflexão seja lida e observada por muitos dos nossos colegas.

Saudações Universitárias,

Fábio Botelho
Chefe do Depart. de Economia
Agrícola e Extensão
Escola de Agronomia da UFBA

Ilmo. Sr. Diretor do Instituto de Geociências da UFBA

Apraz-me parabenizar o Instituto de Geociências pela publicação dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS, onde são apresentados artigos de grande interesse para a Comunidade Universitária.

Atenciosamente,

Joselina Martins Santos
Chefe do Depart. de Ciência dos Alimentos
Escola de Nutrição da UFBA

Manifestaram agradecimentos e acusaram o recebimento do nº2 dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS as seguintes Instituições:

- Universidade Federal do Pará
Centro de Geociências/Divisão de Documentação
- Escola de Minas (Ouro Preto - Minas Gerais)
Departamento de Geologia e Minas
- Biblioteca Frederico Edelweiss
Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus
- Biblioteca Central da UFBA
Divisão de Aquisição - Seção de Intercâmbio
- Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA
Biblioteca - Seção de Periódicos

OS MORTOS E OS VIVOS*

Quem sempre respeitou Ulysses Guimarães como o mais importante político brasileiro nas últimas décadas talvez estranhe o respeito repentino daqueles que, em vida, negaram-lhe os méritos mais evidentes. Respeito até parece palavra exigua, diante do tom arrebatado das coberturas de alguns jornais e canais de tevê, nos quais, em outros tempos, sobrava espaço para críticas injustas e insinuações maldosas, atiradas apressadamente contra um dos raros legítimos doutores da política verde-amarela, em todos os tempos.

O Brasil é um país de estadistas póstumos, uma sociedade de líderes mortos. No caso do Dr. Ulysses, bem ao contrário do que se deu com muitos outros praticantes da arte do possível, não é, porém, no passamento que ele se agiganta. É a evocação da vida, o balanço das ações, que vem a demonstrar a força do seu comando e a sagacia do seu comportamento. Há quem diga que a morte revela os homens, mais seria bom excluir o Dr. Ulysses da categoria das descobertas tardias, dos falsos heróis criados pela fácil comoção de um povo carente. A morte às vezes desvenda aqueles que continuam vivos.

Que não haja dúvidas e tampouco elogios tão afoitos quanto as críticas de outrora. O Dr. Ulysses não foi um político, foi o político, coerente no serviço a uma causa, conservadora na essência, mas jamais reacionária, de sorte a configurar uma posição destinada a ser freqüentemente encarada pelas elites nativas, antes reacionárias que conservadoras, como perigoso desafio constantemente à beira da subversão. E foi assim que o Dr. Ulysses conseguiu inquietar tantas entre as carpideiras de hoje.

Comparado com Tancredo Neves, Ulysses é muito mais contemporâneo do mundo, porque sensível à gravidade da questão social que assola o Brasil. De fato, se foi ele o grande animador das diretas, Tancredo acabou sendo o candidato ideal da oposição nas indiretas, com seu inarredável pendor para a conciliação por cima que, na ocasião, deu na Aliança Democrática. Em virtude de uma postura menos tradicional, e desta forma tão ousada nas nossas latitudes, quem sabe o Dr. Ulysses ainda pudesse ser incômodo, de sorte que o País do Carnaval confirma agora o seu destino trágico, no enésimo reencontro com a fatalidade, entre a decepção de uma renúncia e a morte inesperada de um salvador da pátria. Mas há uma espécie de notável consistência na figura seca e desengonçada, quase frágil, do Dr. Ulysses, que o isenta do clichê de salvador - imagem forjada na emoção, e portanto pouco adequada ao Sr. MDB, ao Sr. resistência parlamentar, ao Sr. diretas-já, ao Sr. constituinte. O qual foi, como político, sobretudo e antes de mais nada, um ser racional. Onde, mais significativo e eficaz, a bem das suas idéias, do seu partido, da sua gente - a bem da pátria, por que não? - do que qualquer um dos nosso periódicos e fracassados salvadores.

*Transcrição integral do Editorial da Revista ISTO É, edição de 21 de outubro/92. Cortesia da PRENSA TRES.

UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR DOS DESCOBRIMENTOS E OS EQUÍVOCOS DA DESCOBERTA DAS AMÉRICAS

Jorge Falcão Paredes*

Gênova foi com certeza a pátria de Christophorus Colombo, só que o descobridor das Antilhas foi Cristobal Colón, que se tem como evidente, nunca ter sido aquele.

Em *Historia del Almirante*, o faccioso cronista de Cristobal Colón, Frei D. Fernando Colón, (2) começa por refletir ainda no 1º capítulo, algo respeitante a seu pai, que reputamos de muito interesse e que por isso transcrevemos para nossa própria reflexão:

Muitos nomes pederíamos trazer, por exemplo, que, não sem causa oculta, foram postos para indício de efeito que haveria de suceder, como aquilo que toca ao que foi prognosticado, a maravilha e novidade do que fez; porque se observarmos o comum apelido ou sobrenome dos seus maiores, diremos que verdadeiramente foi um Colombo ou Paloma, enquanto levou a graça do Espírito Santo aquele Novo Mundo que ele descobriu, mostrando que, segundo o baptismo de São João Baptista, o Espírito Santo em figura de pomba mostrou que era o Filho Amado de Deus, que ali não se conhecia; e porque sobre as águas do Oceano também levou, tal como a pomba de Noé, a Oliveira e o óleo de baptismo, para a união e a paz daquelas gentes que com a Igreja iriam ter, pois estavam encerradas na arca das trevas e da confusão; por conseguinte, veio-lhe a propósito o nome de Colón, porque em grego quer dizer Membro; porque, sendo o seu nome próprio Cristóbal, se supusesse autêntico, ou seja de Cristo, para quem a saúde daquelas gentes iria ser enviado; e logo, se quizermos reduzir o seu nome à pronúncia latina, que é Christophurus Colonus (...)

Conclui-se que o Almirante das Índias não era Colombo, mas era membro de Cristo e um enviado do Espírito Santo.

Não pretenderia Fernando Colón dizer nestas falas e de uma forma simbólica e velada que o pai era membro da Ordem de Cristo e um mensageiro dos princípios Templários, visto que aquela Ordem foi sucedânea desta?

A Ordem de Cristo era a promotora dos projeto de navegação em Portugal e superintendia na Escola de Sagres. Se assim fosse, teríamos que admitir que Cristobal Colón seria português, já que a Ordem de Cristo era vedada a estrangeiros.

Mas isto é uma dedução hipotética, baseada nos escritos de Fernando Colón que se opõe a versão oficial, construída no século XIX.

Rejeitamos fazer história baseados em Lendas de cancioneiros, em documentos forjados, ou em narrativas não documentadas, como aquela que reputa a chegada

*Ph.D (London), Professor do Curso de Pós-Graduação em Geociências e Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CEPED).

de um bretão ao Amazonas em 1448, cujo documento desapareceu quando de um bombardeamento Inglês ao arquivo onde este se encontrava.

Este é o único critério capaz de preservar a história como ciência, apesar de toda a sua complexidade.

Imagine-se os portugueses, que na época eram quem mais navegava no Atlântico, virem reivindicar a prioridade da descoberta da América fundamentados em documentos que desapareceram - entre muitos que desapareceram - no devastador terremoto de Lisboa que ocorreu em 1755.

O termo "descoberta" diz respeito a uma viagem pre-determinada ou projetada, com retorno e devidamente comprovada. Cabe aqui lembrar que nem sempre se podia oficializar determinadas viagens e contactos com terras até então desconhecidas, quer por acontecimentos fortuitos, quer por acontecimentos planejados, porque o segredo era obviamente a "alma do negócio" no trilho da competição, já que, em todos os tempos, sempre houve espionagem.

A ordem de Cristo, uma espécie de NASA do Século XV e XVI, podia penalizar com pena de morte as fugas de conhecimentos.

É possível e provável que outros navegadores, inclusive o próprio Cristobal Colón tenha antes tomado contato com ilhas das Antilhas, porque este, em carta para D. Fernando, Rei de Espanha, afirmou a propósito de sua 1ª viagem (1492-3) que não precisou de matemática nem de cartas, não por despreparo destes recursos, que ele como Cartógrafo e navegador estava habituado a utilizar, mas porque navegava em mares que lhe eram familiares.

Ressalta-se que Cristobal Colón várias vezes navegou para o Golfo da Guiné, uma delas para confirmar as observações cosmológicas antes feitas por José Vizinho, físico e cosmógrafo judeu. Veja-se o conceito científico em que era tido em Portugal o ainda não Almirante das Índias Ocidentais. Isto ocorreu, em 1481, numa altura em que a presença de estrangeiros era proibida nas navegações para a Guiné e S. Jorge da Mina. O retorno destas navegações tinha de ser feito através da Corrente Equatorial Sul que vem a divergir na Corrente do Brasil e na Corrente das Antilhas, que levava os navegadores portugueses, ajudados pelos ventos alíseos de SE e E a rumar para N no sentido do mar dos Sargaços, então conhecido pelo Mar das Bagas. Era este retorno então, chamado de Volta da Mina que frequentemente lhes preparava surpresas de indícios de terras próximas e que lhes aguçava a curiosidade.

Em abono desta observação, é oportuno refletir sobre a carta de Mestre João, cosmógrafo, bacharel em medicina e cirurgia e que em carta para D. Manuel remetida pelo mesmo navio de Gaspar de Lemos que levou a carta de Pero Vaz de Caminha, após a descoberta oficial do Brasil, onde então dizia (1):

(...) Quanto, senhor, ao sítio desta Terra, mande V. A. trazer um mapa-mundi que tem Pero Vaz da Cunha, o Bizagudo, e por aí poderá V. A. ver o sítio desta Terra; (...) é um mapa-mundi antigo e ali achará V. A. escrito também a mina.

Trata-se do contacto, acredita-se que casual, feito por Pero Vaz da Cunha em 1487 quando regressava de S. Jorge da Mina, rumo a Portugal (1).

Aquelas falas insinuam claramente o conhecimento da América do Sul antes da sua oficialização e da 1ª viagem de Cristobal Colón. Entretanto, outras duas viagens antecedem em 1498, a descoberta oficial do Brasil. Estas viagens podem ser apontadas como científicas, e tiveram como finalidade determinar os pontos de intercepção da linha meridiana do tratado de Tordesilhas com uma "tão grande terra firme" como a ela se refere Duarte Pacheco no Capítulo II do livro I de *Esmeraldo de Situ Orbis*. Este foi um dos navegadores e cosmógrafo encarregado destas viagens. Coube-lhe, segundo Duarte Leite, citado por Jaime Cortesão (6) o ponto Norte que caiu no trecho da embocadura do Maranhão e o delta Amazônico. E, Duarte Pacheco em *Esmeraldo* compara a região visitada com outras Africanas das mesmas latitudes.

A outra, das duas supra referidas viagens, caberia obviamente definir a intercepção Sul da linha divisória das soberanias de Portugal e Espanha, que veio a coincidir com a região de Cananeia, que se situa no litoral sul do Estado de São Paulo. Esta viagem, segundo Gago Coutinho, também citado por Jaime Cortesão (6), coube a Bartolomeu Dias, o grande navegador português que descobriu a ligação dos Oceanos Atlântico e Índico. Sabe-se que foi ele um dos cosmógrafos que preparou a viagem de Vasco da Gama, que daria continuidade à sua e, cuja rota já passa pelos ilhéus de São Pedro e arquipélago de Fernando de Noronha. Sabe-se também que Bartolomeu Dias, acompanhou Vasco da Gama, separando-se deste cerca de Cabo Verde para rumar para São Jorge da Mina, e depois para São Tomé, ilha destinada na época a degredados. E foi nesta condição que nela se encontrava um bacharel, sobre o qual o capitão da ilha, Álvaro de Caminha se refere, com as seguintes disposições, segundo Silva Marques (11):

Mando que seja tomado conta ao Bacharel depois de ter recebido todo o de João Jorge, concertando o inventário pelas vendas de suas coisas e tudo o que se achar, tiradas as despesas, seja feito em dinheiro e para a arrecadação levado à Casa da Mina para se dar a seus herdeiros. E assim lhe dêem uma boa escrava moça, a qual serviu, e mereceu em certo tempo que serviu de ouvidor, porque uma que tinha fica porque é velha e não lha dei senão para servir.

Destas disposições, infere-se que o dito bacharel estava vivo, se não lhe seria dado uma escrava moça, e que se destinava a ausentar-se de São Tomé. Por isso se justifica que a escrava velha permanecesse na ilha e o seu testamento fosse processado.

Sabe-se por outro lado que Bartolomeu Dias esteve em São Tomé em 1499 e que não quis levar dois colonos licenciados para regressar a Portugal, donde se conclui que Bartolomeu Dias não dependia do Capitão da Ilha e que já devia estar de regresso a Portugal (6). De fato, o seu regresso de Cananeia estaria condicionado ao giro geotrófico do Atlântico Sul, que o faria passar perto de São Tomé, para depois, usar a rota da Mina, através do Mar dos Sargaços. Diogo Garcia, piloto português ao serviço de Espanha e em viagem para o Rio da Prata, que teve lugar em 1527, refere-se a um bacharel em seu diário de bordo onde escreveu: ... e aqui feúmos a tomar refresco em San Vicente que está em 20 grados e ali vive um Bachiller y unos yernos suyos mucho tiempo la que ha bien treinta anos.

Também Martin Afonso de Sousa em viagem ao longo da Costa do Brasil, rumo ao estuário do Rio da Prata, aportou em 1531 em Cananeia onde foi encontrar um degredado que no diário de bordo dessa exploração foi referido como sendo o Bacharel de Cananéia, o qual estava ali havia 30 anos (11).

A coincidência de datas e fatos e a circunstância de que naquela época não abundariam os bachareis e muito menos na condição de degredados, leva a admitir que o Bacharel de São Tomé deva ter viajado com Bartolomeu Dias para Cananeia. Ficasse porém desconhecendo as razões porque o referido Bacharel ficou no Brasil, não regressando com Bartolomeu Dias, a Portugal. E Bartolomeu Dias como é do conhecimento, acompanhou em 1500 Álvares Cabral para oficialização da descoberta do Brasil.

Voltando a Cristobal Colon, a sua formação como homem de mar, cartógrafo e cosmógrafo foi obtida em Portugal, onde começou a navegar aos 14 anos, trajetória onde todos os historiadores estão de acordo, à exceção dos que aceitaram e se embalaram na versão de Cristobal Colon ser o tecelão e artesão Christophorus Colombo, o qual só teria saído de Gênova com 25-26 anos para em pouco tempo se transformar em grande Almirante (1).

Mas os Vikings também foram arrojados navegadores e há, por isso, quem também lhes atribua o privilégio da descoberta da América. Na verdade os Vikings foram experientes homens do mar, todavia seus recursos de navegação os privavam à priori de longas e demoradas viagens sem contacto com terra. As suas pequenas e inseguras embarcações na dependência de uma única vela e da navegação a remo os condicionavam a viagens costeiras, que fizeram e muitas e a curtas viagens oceânicas (1). Imagine-se como alimentar e como manter a habitabilidade, mesmo que precária de tantos remadores em pequenos barcos e em longas viagens! Mesmo assim é reconhecido terem atingido a Islândia e a Groenlândia que são partes do Continente Americano então chamadas as Terras de Thyle e Frixlandia respectivamente (1).

O próprio Cristobal Colón afirmou ter ido a Groenlândia em 1477, tomando parte portanto da Expedição Luso-Dinamarquesa, embora os nomes de Colón e Colombo não figurem na lista dessa viagem! (1) Seria porque naquela data o seu nome seria outro?

Segundo Fernando Colón (2), Bartolomeu de Las Casas (4) e Jaime Cortesão (6) Diogo Teive e Pero Vasques, saindo dos Açores teriam, em 1452, atingido a Terra dos Bacalhaus, outra parte do Continente Americano. Assim sendo, a América era conhecida antes da 1ª viagem de Cristobal Colón.

Face a estas considerações, ressalta a importância das oficializações e das comprovações dos fatos históricos, não desmerecendo daqueles que, por força das circunstâncias, só posteriormente foram comprovados.

Desmerecem sim, aqueles fatos que se basearam em documentos forjados e falseados, e que abundaram no caso da trajetória histórica de Cristobal Colón.

A maior parte destes só tardiamente foram desmascarados por conta do progresso tecnológico

Por isso, o mérito da descoberta oficial da América cabe a Espanha que a financiou e o mérito da viagem a Crisbal Colón, que saindo de Palos em 3 de agosto de 1492

no comando das Caravelas "Sta Maria", "Niña" e "Pinta", rumou para as Canárias, de onde zarpou em 9 de setembro. E o privilégio de Terra à Vista foi dado pela "Pinta" em 12 de outubro. Tratando-se de uma ilha, ela foi baptizada de São Salvador, hoje conhecida por Watling, fazendo parte do Arquipélago das Bahamas. Curioso, e por isso cabe aqui referir, terem as pesquisas conduzidas por Mascarenhas Barreto (1) levado as origens de Cristobal Colón, como sendo Salvador Zarco, filho bastardo de D. Fernando, o Grão Mestre da Ordem de Cristo, na altura sediada em Beja, da qual era o Duque. Acreditamos ser este o autor quem neste Século mais se dedicou a pesquisa sobre a trajetória histórica de Cristobal Colón, até então realizada, resgatando a negligência e a apatia dos portugueses no que tange a esta temática.

À descoberta de São Salvador, seguiram-se as de Cuba e Haiti. Curioso é ainda o facto de Cristobal Colón, segundo este autor, ter nascido em Cuba, uma cidade alentejana perto de Beja.

Esta viagem para descoberta das Índias e Chipango, de rumos favoráveis (correntes das Canárias e Equatorial Norte) ficou-se devendo no entanto à sua abstinada persistência, embora ela represente um equívoco, fundamentado em cartografia fantástica (Carta de Toscanelli) que induzia à credibilidade lógica, porquanto já se admitia a esfericidade da Terra. Atribui-se também alguns erros nos dados divulgados: no entanto deve-se salientar que este era um método e uma regra adotada pela Escola de Sagres como instrumento de segurança à antecipação (1) e (5).

A Cartografia e a cosmografia eram, na época, juntamente com a medicina (física) os expoentes máximos do conhecimento científico e da experiência, como conhecimento direto, ciências que pressupõem um longo período de estudos, e de experiência de que o Almirante das Índias se galhardeou para o Rei D. Fernando de Espanha afim de o sensibilizar quanto a sua proposta de navegação para o Ocidente, afirmando que tinha 40 anos de mar. A persistência de Cristobal Colón junto dos Reis Católicos durou 7 anos. Porque então, na versão oficializada, não usou da mesma obstinada persistência junto de D. João II a quem primeiro apresentou seu projeto, como hoje se diria?

Os biógrafos contemporâneos do Almirante e que inclusive o acompanharam em algumas das suas viagens com o pavilhão de Espanha, afirmaram que Cristobal Colón já tinha estado aos 14 anos na Ilha da Madeira, o que faz jus a que este - que também o afirmou - não tenha mentido para D. Fernando, Rei de Espanha, em aquela sua afirmação.

Embora haja muito a esclarecer sobre a vida de Cristobal Colón, uma coisa parece, porém em vias de esclarecimento: a versão que surgiu em 1874 com as revelações de HARRISSE (3) o que foram adotadas como oficiais apesar das discrepâncias de datas e dos documentos falseados e rasurados, ou que simplesmente desapareceram.

Assim, Frei Bartolomeu de Las Casas (4), outro cronista contemporâneo de Cristobal Colón e que viajou com este, nunca se referiu a ele como Colombo, bem como seu filho, Fernando Colón. De resto, o Almirante nunca se assinou Colombo, nem tão pouco Colón. É estranho ainda que o Genovês artesão Colombo Canajole tivesse três filhos Colombo, e não Canajole (Cristoforo, Giacome e Bartolomeu); estranho

também que um outro filho que era Canajole (Giovani) não fosse Colombo e que na vez de um Diogo era apontado como irmão do Almirante.

O fato de um documento notarial autêntico referenciar um Cristóforo Colombo em Génova no ano de 1472-73, onde deu a profissão de artesão, nada prova que o dito Cristobal Colón, que como já referimos nunca foi Colombo, fosse aquele. Pelo contrário este documento leva a admitir a improbabilidade de um artesão se transformar em pouco tempo num experimentado cientista da época. O equívoco e confusão era no entanto admissível visto haver na altura - segundo HARRISSE (3) - mais de 150 Colombos na cidade de Génova espalhados por pelo menos 30 famílias diferentes.

MASCARENHAS BARRETO (10) que vem acumulando provas no sentido de desfazer aquele equívoco histórico, apresentou recentemente dois documentos comprovantes da nacionalidade portuguesa de Cristobal Colón, os quais permaneciam inéditos na Torre do Tombo em Lisboa.

Um destes, trata-se de uma carta do Embaixador Alvaro Mendes de Vasconcelos para D. João III datada de Toledo, 6 de março de 1529 em que dizia:

Tenho sabido que lançam fora da Capitania da Armada Simão d'Alcaçovas, quando quer que for e está eleito outro filho ou parente de Colón (à portuguesa).

As pesquisas levadas a efeito por este historiador, mostraram tratar-se de Pedro Afonso d'Aguiar que era meio irmão do Almirante, por parte da mãe e que segundo o cronista Damião de Gois (6) testemunhou no Canal da Mancha vitórias daquele sobre duas esquadras, uma francesa e outra inglesa. Portanto Cristobal Colón seria tio de D. João III e de sua irmã D. Isabel que veio a casar com Carlos V. E foi ao serviço deste Rei que Pedro d'Aguiar venceu aquelas armadas.

O 2º documento diz respeito a uma carta de Duarte de Lemos ao Rei D. Manuel I datada de 20/set/1506, em que diz:

Senhor. Porque não sei se será dado a V. A. uma carta minha, em que lhe escrevera, que me ficavam tresladando um livro do Almirante das Índias (Diogo Colón que herdou o título) que fizera seu pai, Dom Cristovão Colón, das demarcações dos mares e terras de Vossa Alteza. E ainda que aquilo não seja verdade, como me parece, todavia devia-o V. A. mandar ver por cosmógrafos, porque os teólogos vêem o Alcorão. A Condessa de Lemos me mandou tresladar e estorvou que não se entregasse ao Conselho das Índias, que o pedia muito apertadamente ao Almirante (Diogo Colón) que é seu sobrinho e muito amigo dela. E o livro vai, concertado por mim próprio, que fica em poder da Condessa, para se não poder fazer nada, senão o que for serviço de V. A.; e mais ainda, sabendo eu por via do Almirante em que assentarão aqueles cosmógrafos, que aqui se juntam, sobre o que V. A. me escreveu. E quem tem este zelo (a Condessa de Lemos) e deseja tanto de o servir. parece que lhe deveria V. A. fazer a mercê que lhe pedia

Ora a Condessa de Lemos a que este documento faz referência, era Beatriz de Castro, esposa de D. Dinis de Portugal, primo de Diogo Colón, o 1º filho do Almirante de seu casamento com D. Filipa Moniz Perestrelo, fidalga portuguesa, filha do donatário da Madeira e também navegador. Não surpreende portanto que a Condessa de Lemos, sua prima por afinidade, o tratasse por sobrinho.

Então, compreende-se agora, porque Cristobal Colón, disse não ser o primeiro Almirante de sua família. Ora, na família Canajole não foi, até hoje, apontado qualquer Almirante!

Mas outra não menos surpreendente revelação diz respeito à carta datada de 14 de abril de 1526 que o Embaixador português em Toledo, escreve à Imperatriz D. Isabel, irmã de D. João III de Portugal e casada com o Imperador Carlos V de Espanha e Alemanha, com o objetivo de solicitar, por procuração de Frei D. Fernando Colón, 2º filho do Almirante e de Beatriz Henriques, uma indenização para as avós portuguesas deste e que haviam sido espoliadas de seus bens em Espanha, quando da guerra de sucessão e que culminou com a batalha de Tóro que foi desastrosa à pretensão da Princesa D. Joana, apoiada por D. Afonso V de Portugal (10).

Este documento aniquila a versão adotada de Colombo Genovês, quer os avós em causa fossem pelo lado da mãe quer fosse pelo lado do pai. Na verdade, as avós em causa eram do lado materno de Frei Fernando Colón, demonstrando que este conhecia a ascendência portuguesa de sua mãe, Beatriz Henriques.

Esta petição obedeceu a circunstância do cronista Fernando Colón ser primo da referida Imperatriz D. Isabel, a qual estaria portanto por dentro do assunto, visto que o Embaixador nem sequer menciona os nomes das avós, no entanto afirma: (...) *eu lhe certifiquei que com ela cobraria tudo. E que esta matéria não era de perder, mas de ganhar (...).*

A prova de que a petição não era especulativa, prova-o o fato de o Imperador Carlos V ter protegido D. Fernando Colón, concedendo-lhe uma mensalidade para desenvolver a sua biblioteca pessoal que organizou em Sevilha, reunindo a documentação paterna. Foi sobre esta que se debruçou para escrever *Historia del Almirante*.

Deve-se ressaltar que o filho de Cristobal Colón, além de eclesiástico continuou a tradição familiar no âmbito da cartografia e da cosmografia.

Apesar de as evidências aqui apresentadas que se devem principalmente as douts pesquisas de MASCARENHAS BARRETO (1) (10), a questão da nacionalidade de Cristobal Colón continuará pairando no ar. No entanto uma coisa parece evidente: a versão oficial assenta em areias altamente movediças, a menos que segundo este historiador a irmã de D. João III e Imperatriz por casamento com Carlos V tivesse ascendência genovesa, ou Cristoforo Colombo da versão forjada, tivesse avós portuguesas.

Mas passemos ao julgamento de Cristobal Colón de que tanto se fala, pela circunstancial razão das comemorações do 5º Centenário da Descoberta da América, que como se sabe constituiu um grande equívoco histórico. Para fazer seu julgamento e portanto o dos colonizadores que se lhe sucedem, que valores morais e sociais se deverão adotar? Os valores dos séculos 15 e 16 ou os valores actuais expressos pelo reconhecido Estatuto dos Direitos do Homem? É sabido que as Armadas

dos conquistadores e os colonizadores daquelas épocas não eram acompanhadas por sociólogos, mas quando muito por eclesiásticos.

Uma reflexão entre pessoas cultas sobre o assunto leva-nos desde logo a compreender que os fatos históricos não podem ser julgados pelos atuais conceitos que foram produto de lentas reflexões sobre dolorosas experiências e de importantes lutas na tentativa de humanizar as sociedades e, infelizmente ainda longe deste objetivo, apesar de sucessivos sucessos, como a abolição da escravatura, a definição e a implantação de Estatutos no sentido de sensibilizar e de implementar a coexistência interespecífica do Homem e deste com a Natureza.

Também se vem refletindo e lutando pela compreensão e coexistência entre os diferentes Deuses, em nome dos quais, os Homens que dizem servi-los, vêm praticando genocídios e desencadeando guerras.

No final deste século XX, quando se começava a acreditar que jamais seria possível desencadear guerras santas e que povos que se consideram cultos e civilizados, jamais se permitiriam matar seus irmãos, escravizar camadas sociais e cometer crimes coletivos, temos infelizmente que reconhecer, quão triste é a ilusão em que nos embalamos.

Mas para julgar Cristobal Colón tentemos conhecê-lo melhor. A controversa trajetória não o desmerece como homem culto e educado conhecedor de teologia e de grande sabedoria na arte de navegar e no campo da cartografia e cosmografia; embora exibisse muita força interior, era dotado de grande serenidade. Sabe-se que falava e escrevia castelhano. Embora falasse português que parecia influir no seu castelhano, não são conhecidos textos em português e muitos menos em italiano que não falava. Se falava português e não são conhecidos textos seus nesta língua, este fato pode sugerir que fosse outro o seu nome em Portugal, o que reforçaria a circunstância de os nomes "Colon" e "Colombo" não figurarem na lista da frota Luso-Dinamarquesa à Groenlândia em 1477 e a qual, Colon, diz ter participado. Outro mérito que lhe é apontado por TODOROV (9) é a da sua sensibilidade contemplativa da Natureza, viva e morta, que suas viagens lhe iam antepondo e que Cristobal Colón descrevia com muita objetividade. Parece, no entanto, não ter mostrado muita habilidade no trato com os povos nativos.

Há que reconhecer ter havido muita crueldade nos períodos de expansão do colonialismo americano, com barbaridades que não foram só unilaterais, mas que foram produto de muita incompreensão e desumanidade daqueles que considerando-se mais evoluídos e cultos, tinham obrigação de estimular a compreensão e a tolerância. Os "civilizadores" e evangelizadores Ibéricos, eram povos com uma relevante expressão cultural no contexto da Europa daquela época e com forte inspiração religiosa no credo do cristianismo. No entanto este credo considerava os povos autoctones, primitivos e desprovidos de alma. Estes sob a carga emocional do colonialismo reagiram. E quem não reagiria? Barbaridades geram violência e multiplicam a desumanidade. Em suma, os colonizadores Lusitanos esqueceram-se de que tinham sido invadidos e escravizados pelos Romanos que precisaram de 5 Legiões para os submeter. A estes seguiram-se os Visigodos chamados bárbaros.

Seguiram-se os Serracenos ou Mouros que estiveram na Península Ibérica desde

o século VIII até ao século XVI.

É oportuno lembrar que Portugueses e Espanhois em plena expansão marítima e colonizadora viviam um período de grande desumanidade e conturbação social, impostas pela cruel Instituição da Inquisição, destinada a aniquilar os movimentos nacionalistas e os demais poderes concorrentes da Igreja de Roma, espalhando o ódio desconfiança e crueldade entre sociedades igualmente "civilizadas" e apenas divididas por credos religiosos (12). Que esperar de povos submetidos a este espectro emocional e ainda sem o controle de Estatutos dos Direitos Humanos, de "Partidos Verdes" que refreassem as opressões e as crueldades que vertiam sobre os mais fracos como forma de compensação? Por isso, as viagens marítimas e as Américas tornaram-se plataformas de esperança e fuga para os perseguidos, neste caso os judeus e cristãos novos e que, na maior parte das vezes, constituíam elites atuantes (13). Eram estes uma grande parte dos degredados de que tanto se fala e que obviamente trouxeram cultura, tecnologia e experiência que necessariamente representou progresso para as Américas, embora com um custo muito alto para os povos autóctones. É lógico que, com aqueles degredados-elites, outros degredados vieram, mas não pela necessidade de fuga à Inquisição, e bem assim os aventureiros e ambiciosos, bons ou maus.

E se não tivessem sido portugueses e espanhóis os colonizadores das Américas Central e do Sul, outros seriam, como de fato aconteceu, razão porque aqueles as tiveram de defender de franceses, holandeses e ingleses, onde mesmo assim estes povos ficaram com alguns territórios para poderem provar que não eram melhores colonizadores que portugueses e espanhóis.

E os alóctones americanos de hoje privilegiados e condicionados pelos múltiplos Estatutos dos Direitos do Homem, da Mulher, da Criança e dos Índios, assessorados por sociólogos, ecologistas e juristas acham-se sem telhados de vidro para poderem apedrejar os colonizadores de então?

Embora no período de expansão dos espanhóis e portugueses não houvessem todos aqueles freios a desumanidade, houve no entanto vozes e ações expontâneas que se levantaram em defesa dos povos autóctones, infelizmente não em número e poder suficientes. Destacamos, Frei Bartolomeu de Las Casas que foi amigo e acompanhou Cristobal Colon em algumas das suas viagens, sendo por isso um dos mais credenciados cronistas do Almirante. Outro destaque vai para os padres jesuítas José Anchieta e Antonio Vieira que no Brasil muito intercederam em favor dos índios. Este último, quando na qualidade de Primeiro Ministro de D. João IV, foi preso pela Inquisição nas masmorras de Coimbra, depois de regressar da Holanda onde fora assinar a paz da Guerra de Pernambuco (14). Motivo alegado: a circunstância de Padre Antonio Vieira haver tentado aliciar os judeus portugueses e seus descendentes a voltar a Portugal, de onde haviam fugido, quando da implantação da Inquisição, fato que ilustra o poder desta relativamente ao poder Real e do Estado!

Este é um episódio já do Portugal-Inquisição que se prolonga até nossos dias e que se sucede ao Portugal-Templário, aquele que fundamentou e alicerçou o nacionalismo português e concebeu a epopéia marítima e cuja têmpera culmina e se desfaz com a

morte do gênio que a cantou: Luis de Camões. Entretanto os portugueses continuam aguardando que o Portugal-Inquisição dê lugar ao Portugal-Mensagem com toda a força da genialidade poética e filosófica por ela apontada e a eles legada por seu Messias: Fernando Pessoa.

REFERÊNCIAS

- (1) BARRETO, A.M. - O português Cristovão Colombo, agente secreto do Rei D. João II, Lisboa, 1988.
- (2) COLÓN, F. - História del Almirante, Madrid, 1985.
- (3) HARRISSE, H. - Les Colombo de France et d'Italie, fameux marins du XV Siècle. Paris, 1874.
- (4) LAS CASAS, B. - Historia General de las Índias, 1875/6.
- (5) PEDROSA, F. - Cristovão Colombo, Corsário em Portugal (1469/1485) - Lisboa, 1989.
- (6) CORTESÃO, J. - Descobrimientos Portugueses. Ed. Imprensa Nacional, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (7) URE, J. (1977/85) D. Henrique O Navegador. Ed. Universidade de Brasília.
- (8) MADRIAGA, S. - Christophe Colomb. Paris, 1952 e 1968.
- (9) TODOROV, T. - A Conquista da América, a questão do Outro (Trad. B.P. Moisés). São Paulo, 1983.
- (10) BARRETO, A.M. () - Documentos recentemente publicados: Torre de Tombo-XVIII nº 4524/8-23.
- (11) SILVA-MARQUES, J.M. (1944) - Descobrimientos Portugueses, Lisboa.
- (12) RIBEIRO-SANCHES, A.N. (1973) - Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal. Livraria Paisagem (2ª Ed.) Porto.
- (13) SALVADOR, J.G. (1976) - Os Cristãos Novos: Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro(1530-1680) - Pioneira, Ed. da USP. São Paulo.
- (14) HERNANI-CIDADE (1985) - Padre Antonio Vieira, Editorial Presença.

NOVA ALEMANHA, ANO II

Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva*

No dia 3 de outubro, a Alemanha comemorará o segundo aniversário da reunificação, ou melhor, da extinção da República Democrática Alemã e da anexação de seu antigo território e de sua população à República Federal da Alemanha.

Lembro-me com clareza do dia 3/10/90, ensolarado e ainda quente no começo do outono alemão. Graças a uma bolsa de intercâmbio acadêmico do convênio CNPq/DAAD estava naquele período na Universidade de Marburg, no Estado de Hessen, bem próxima a Frankfurt.

Como do dia 3 foi considerado feriado nacional e como estava programada uma solenidade na antiga praça do Mercado, em frente ao *Rathaus* (Prefeitura), na noite de 2 para 3 de outubro, fui até lá para assistir a festa. Não poderia perder aquela oportunidade histórica! Muita gente compareceu, irradiando alegria, com muitas bandeiras, música, discursos e fogos de artifício. Mas, para um brasileiro, tudo parecia um pouco contido, bem organizado demais, salvo por um inesperado protesto de estudantes comunistas da Universidade que atiraram ovos podres nos participantes, um dos quais caiu ao meu lado provocando mal estar generalizado. Felizmente, o protesto foi logo contido. Mas, de qualquer maneira, o "carnaval" que ocorreu com a queda do Muro de Berlim, quase um ano antes, não se repetiu.

Acho que os alemães ocidentais (e também os do Leste) já estavam mais conscientes das dificuldades que surgiriam em todo o processo de reunificação decorrentes da complicada "junção" de dois modelos econômicos e político-institucionais completamente diferentes, ou melhor, da extinção do modelo comunista e da implantação do modelo de economia social de mercado.

Os acontecimentos que agora dominam o noticiário, pouco antes do 2º aniversário (ação violenta dos chamados neo-nazistas contra os repatriados e estrangeiros) confirmam o que foi dito anteriormente mas surpreendem pela opção assumida por parte de grupos da juventude dos novos Estados federados. A principal razão reside nas dificuldades de emprego para os habitantes da parte Leste da Alemanha, causadas justamente pelo tão desejado processo de rápida modernização da economia. Em sua fase inicial, seria inevitável que isto acontecesse. Estima-se que três milhões de pessoas perderam emprego na parte Leste. Sem emprego e com uma crescente população de repatriados e de estrangeiros, sobretudo asilados políticos, em função de uma legislação bastante favorável, passou a ocorrer a revolta dos jovens. Creio que as autoridades alemãs e, de resto, toda a sociedade, não contavam com estes contornos. Assim, as dificuldades que pressenti em Marburg e, pouco tempo depois, em Berlim e Leipzig chegaram mais cedo e de forma surpreendente fazendo com que se busque novas soluções a nível nacional em um quadro relativamente complicado a

*Professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA e Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

nível internacional por força da recessão norte-americana e dos problemas de implementação imediata da plena unidade política, econômica e monetária da Europa, expressos através das questões da aceitação ou não do Tratado de Unificação de Maastricht, finalmente aprovado pelos franceses o que certamente levará também a uma aprovação pelos demais países que ainda não o aprovaram. Um dos principais componentes desse momento difícil foi, particularmente, o fato de que a Alemanha aumentou sobremaneira a taxa de juros com o objetivo de capitalizar cada vez mais sua economia visando o financiamento da recuperação dos territórios do Leste. Com isto, as demais moedas européias (e a norte-americana) se enfraqueceram no momento da união monetária, gerando insatisfação.

Apesar disto, a Alemanha tem condições para, em um quadro de efetiva democracia social, encaminhar medidas de solução para estas questões. Destacaria, além do fato de ser a Alemanha realmente uma potência econômica, dois fatores integrados que concorrem para tanto, um de base histórica e outro de natureza geográfica associada ao processo de planejamento.

Com relação aos elementos históricos, a Alemanha tem uma longa tradição em mudanças territoriais. É preciso destacar que somente em 1871 é que surge o Império Alemão, a moderna Alemanha em outras palavras, agregando vários territórios em torno da Prússia de Bismarck, o Marechal de Ferro. Comparando, como foi apontado na imprensa alemã, as duas realidades temporais (1871 e 1990), é importante mencionar alguns aspectos:

- em 1871, a unificação foi imposta de “cima” mas foi bem aceita por todos; em 1990, ela surgiu “de baixo” e, por conseguinte, foi muito bem recebida;
- em 1871, a unificação foi realizada após duas guerras (Áustria, 1866 e França, 1870); em 1990, ela se dá em um quadro pacífico;
- em 1871, a unificação não foi bem aceita pelos vizinhos, temerosos da nova potência; em 1990, ela obteve a plena aprovação de seus vizinhos, inclusive dos países do ex-bloco socialista, destacando-se o papel da URSS de Gorbachov sem o qual seria impossível imaginar a unificação;
- em 1871, a unificação criou um problema de fronteira com a França ao incorporar a Alsácia-Lorena; em 1990, a reunificação logo resolveu a única pendência territorial, a fronteira com a Polônia (linha Oder-Neisse);
- em 1871, formou-se um Estado soberano, “isolado”; em 1990, a unificação se dá em um quadro de plena integração da Alemanha ao Mercado Comum Europeu;
- em 1871, a unificação se dá em um contexto de nacionalismo acentuado e de militarização; em 1990, ela se dá em um quadro de globalização e de pacificação, em termos gerais, com o fim da guerra fria e com sinais de desmilitarização na Europa.

Há, entretanto, um aspecto comum às duas situações: em 1871, a unificação reuniu unidades territoriais bem diferenciadas do ponto de vista econômico-social e o mesmo ocorreu ainda mais fortemente em 1990.

Também do ponto de vista histórico - com implicações geográficas e no planejamento - é preciso mencionar que, com a reunificação de 1990, foram restabelecidos, no espírito da Federação alemã, os antigos Estados (*Länder*) na parte leste, ou seja, Turíngia, Saxônia, Saxônia-Anhalt, Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental e Brandemburgo. Berlim, agora uma só cidade, voltará a ser a capital do País, segundo uma decisão tomada posteriormente pelo Parlamento alemão.

Com isto, a estrutura administrativa existente anteriormente na Alemanha Oriental, baseada somente no poder central, sediado na parte Leste de Berlim, e em médias e pequenas unidades administrativas (*Bezirk* e *Kreis*), fortemente dependentes, foi eliminada.

Na perspectiva geográfica e do planejamento, o restabelecimento dos Estados reintroduz o valorizado planejamento regional na parte Leste do País. E nisto, os alemães têm uma forte e eficiente tradição centrada no *Raumordnung* e no *Landesplanung* (Ordenação do Espaço e Planejamento a nível dos Estados), áreas técnico-científicas e aplicadas que reúnem geógrafos, economistas, cientistas políticos, administradores, sociólogos, planejadores, engenheiros, arquitetos, urbanistas, etc. *Raum*, em alemão, quer dizer espaço mas daí também decorre o verbo *aufraumen* que quer dizer “arrumar” e “ordenar” (limpar). Não é também por acaso que a Alemanha é a terra de Thünen, Weber, Christaller, Losch, os clássicos internacionais da análise locacional e da análise espacial, básicas para o planejamento regional onde, dentre outros, podemos mencionar a contribuição de Bartels, Boverter, Boesler, Bülow, Fürst, Zimmermann, Isenberg e Klemmer.

Com efeito, a parte ocidental desenvolveu um eficiente trabalho após a Segunda Guerra Mundial eliminando praticamente os desequilíbrios regionais e organizando com eficiência, equidade e com valores estéticos o território alemão. Hoje em dia, por exemplo, há fortes programas de conservação de centros históricos até de pequenas cidades e aldeias e de paisagismo rural. Perto de Marburg, há, por exemplo, pequenas propriedades rurais que se tornaram anti-econômicas, em função de suas economias de escala, que são mantidas com subsídios do Estado de Hessen desde que a paisagem rural seja sempre “limpa” e atraente, favorecendo o turismo.

Portanto, as dificuldades são grandes na busca de uma igualdade de oportunidades e de condições de vida entre as duas partes da Alemanha, a Ocidental e a Oriental. Mas há perspectivas muito favoráveis a médio prazo (10, 15 anos?) em função do dinamismo da economia e da sociedade alemãs e da experiência acumulada em planejamento nacional e territorial. Como isto ocorre em um quadro plenamente democrático, aberto, internacionalista (apesar do grave problema iugoslavo), participativo e institucionalmente bem organizado, é de se esperar que os radicalismos (que também ocorrem em outros países europeus) sejam brevemente superados e que progressivamente os problemas estruturais da unificação alemã sejam resolvidos. A situação é, portanto, bem distinta em termos econômicos e

políticos, dos anos 30 quando havia falta de democracia, acentuado nacionalismo e generalizada crise econômica.

Finalmente, a experiência histórica alemã, sobretudo de redução – e até de eliminação – dos desequilíbrios regionais e de solução de problemas ambientais deve ser acompanhada mais de perto tentando retirar elementos de comparação que possam ser também úteis em outras situações, em termos analíticos e aplicados, como, por exemplo, no caso da Itália (Norte x Sul) e até do Brasil (Centro-Sul x Nordeste).

ELEIÇÕES DIRETAS PARA DIRETOR E VICE-DIRETOR: UM COMPROMISSO DEMOCRÁTICO

Francisco José Gomes Mesquita*

Nos últimos quatro anos, coube-me a honrosa e árdua tarefa de dirigir o Instituto de Geociências, uma das maiores e mais importantes unidades da Universidade Federal da Bahia. Sem falsa modéstia, posso afirmar que as marcas mais nítidas da atual administração foram o diálogo permanente com os três segmentos que integram a comunidade, e o acatamento às decisões emanadas pelos Órgãos Colegiados: Congregação, Conselho Departamental, Departamentos e Colegiados de Cursos de Graduação e Pós-Graduação. Uma gestão sem privilégios e sem personalismos. Sem dúvida, prevaleceu, no âmbito desta Unidade, a aplicação dos mais elevados princípios democráticos.

Ao longo dessa trajetória assumi publicamente, reiteradas vezes, o compromisso de promover os meios para que o processo de consulta à comunidade, com vistas à escolha do Diretor e Vice-Diretor para o quadriênio 1993/97, fosse realizado através de eleições livres e diretas, dentro do pressuposto fundamental de que o mandato legítimo não se gera senão pelo voto. Cumpri o compromisso. Através do voto paritário dos três segmentos institucionais (professores, estudantes de graduação e pós-graduação e funcionários técnico-administrativos) foi procedida a eleição.

O processo de consulta foi coordenado por uma Comissão paritária instituída pela Congregação do IGEO, composta pelos professores Yeda de Andrade Ferreira (presidente), Luiz Tarciso Cordeiro Pamponet (Vice-Presidente) e Teodora Maria Conceição Rocha, os estudantes Miguel Majdahani Neto, Carlos Alberto Coutinho e Claudia Novaes Machado e os funcionários Técnico-Administrativos José Francisco Neves, Fernando Ferraz de Moraes e Nilton da Silva.

Neste processo eleitoral merece ser destacada a pluralidade de candidatos, possibilitando ao eleitor opção de voto com base no perfil individual de cada candidato, e seu respectivo Programa de Trabalho. Revelando o amadurecimento democrático da comunidade do IGEO, a campanha eleitoral transcorreu dentro da mais perfeita normalidade, e os debates públicos realizados, contando com intensa e entusiástica afluência, demonstraram o elevado nível de postura ética dos candidatos. Sem receio, pode-se afirmar que foi uma eleição sem precedentes no Instituto de Geociências.

Ao término da votação, a Comissão Eleitoral registrou a participação de 423 votantes, significando um baixo índice de abstenção. Os resultados do pleito encontram-se demonstrados nos quadros a seguir:

*Diretor do Instituto de Geociências.

ELEIÇÕES PARA DIRETOR

Candidatos	Votantes por Categoria			
	Estud.	Prof.	Func.	Percentual
Délio José Ferraz Pinheiro	88	37	46	48,79
Aroldo Misi	63	20	03	17,45
Telésforo Martinez Marques	46	09	18	17,17
Joaquim Xavier Cerqueira Neto	19	05	05	6,63
Joaquina Lacerda Leite	40	01	02	4,90
Ibson Guimarães Carvalho*	—	—	—	—
Branços	05	00	01	0,90
Nulos	08	01	06	4,16

* Solicitou a retirada da candidatura na fase dos debates.

ELEIÇÃO PARA VICE-DIRETOR

Candidatos	Votantes por Categoria			
	Estud.	Prof.	Func.	Percentual
Neyde Maria Santos Gonçalves	111	44	50	50,08
Joaquina Lacerda Leite	113	16	06	18,67
Branco	35	12	19	27,59
Nulo	09	01	06	3,66

Os resultados da consulta à comunidade foram homologados por unanimidade pela Congregação do IGEO, e enviados à Magnífica Reitora Eliane Elisa de Souza e Azevedo, para indicação dos nomes mais votados para Diretor e Vice Diretor, respectivamente, Prof. Délio José Ferraz Pinheiro e Profa. Neyde Maria Santos Gonçalves.

A lisura e legalidade do processo eleitoral, assim como a maciça participação da comunidade na votação, legitimam os candidatos eleitos a assumirem os destinos do Instituto de Geociências no próximo quadriênio. Dessa forma, com a convicção do dever cumprido, passo-lhes o bastão. Doravante a eles caberá a responsabilidade de prosseguir na defesa e fortalecimento da UNIVERSIDADE PÚBLICA, GRATUITA, DEMOCRÁTICA, COMPETENTE e de QUALIDADE.

Joaquina Lacerda Leite*

Este texto tem o objetivo de transmitir um conjunto de informações indispensáveis à compreensão da importância do processo de elaboração de um novo estatuto para a UFBA e da necessidade de participação entusiasmada dos estudantes, professores e funcionários. Tenho perguntado aos meus alunos, sob a forma de quesito suplementar de prova, o que entendem por estatuto e as respostas mostram total desconhecimento. Esta a razão que me motivou escrever este artigo.

O QUE É ESTATUTO?

Todos se lembram do ano de 1968, quando um conjunto de deputados e senadores, eleitos para o fim específico de elaboração de uma nova constituição para o nosso País, integraram o que se chamou de constituinte. A constituição de um país é a sua lei máxima, de modo que todas as outras leis e normas jurídicas lhe devem obediência. Toda instituição possui também uma lei máxima chamada de "estatuto", que compreende o conjunto de normas gerais que estabelecem a sua estrutura e o seu funcionamento. No caso particular da Universidade, o estatuto deve definir claramente os seguintes pontos, dentre outros:

1. Os objetivos e compromissos da instituição;
2. O regime jurídico, isto é, se fundação, autarquia ou outro tipo;
3. A estrutura e as atribuições dos diversos setores e a relação entre eles;
4. A autonomia da Universidade: formas e operacionalização;
5. As áreas de atuação e as atividades a serem desempenhadas;
6. O modelo de administração de seus diversos setores;
7. A composição e o regime disciplinar dos corpos docente e técnico-administrativo;
8. A forma de admissão dos estudantes;
9. A forma de escolha dos dirigentes dos órgãos de decisão e de administração;
10. A organização dos cursos oferecidos, bem como das atividades de pesquisa e extensão;

*Professora do Departamento de Geologia e Geofísica Aplicada do Instituto de Geociências da UFBA.

11. A origem e a administração dos bens materiais e dos recursos financeiros.

Essa relação, cobrindo apenas alguns dos pontos fundamentais do estatuto, já permite perceber que muita coisa lhe interessa de perto!

UM POUCO DE HISTÓRIA

O atual estatuto da UFBA teve sua origem em 1968. Neste ano, de triste memória, o Brasil vivia a fase mais dura da ditadura militar, caracterizada pela proibição do exercício da cidadania, pela censura à imprensa e à criação cultural, pelas perseguições, prisões e torturas de militantes políticos contrários ao regime, pelo desmantelamento cruel dos sindicatos e das organizações estudantis e pelo desrespeito completo aos poderes judiciário e legislativo.

A Universidade vivia também um intenso clima de terror, com prisões, aposentadorias compulsórias e demissões dos professores mais progressistas e socialmente mais comprometidos, e com a cassação dos estudantes que atuavam politicamente e lutavam contra o autoritarismo.

Enquanto demitia os melhores professores, muitos dos quais aproveitados por famosas universidades do Primeiro Mundo, o governo brasileiro impunha às Universidades uma reforma elaborada por técnicos educacionais americanos, consubstanciada no desditoso relatório MEC-USAID. A reforma universitária de 68 trouxe profundas mudanças para a estrutura e o funcionamento das Universidades, podendo-se destacar as seguintes:

1. Abolição do professor catedrático e reestruturação da carreira docente;
2. Abolição do sistema seriado e implantação da matrícula flebilizada baseada no sistema de créditos por disciplina;
3. Criação dos institutos básicos (Física, Química, Biologia, Geociências e Ciências da Saúde);
4. Subordinação das entidades estudantis aos órgãos oficiais da Universidade;
5. Estímulo à pós-graduação com financiamentos das pesquisas por organismos externos ao Ministério da Educação.

Essas mudanças exigiram uma completa modificação nos documentos legais das Universidades. Daí por que se iniciou em 1968 a elaboração de um novo estatuto para a UFBA, por um grupo reduzido de professores, e sem o envolvimento da comunidade universitária. A falta de participação democrática dos três segmentos da comunidade permitiu a gestação de um estatuto bastante autocrático em muitos aspectos e omisso em outros. Só para exemplificar, transcrevemos os dois artigos seguintes:

Art. 57 - a Chefia dos departamentos cabe a professor titular eleito pelos professores que o compõem.

Art. 40 - (§ único) - o Reitor será a última instância em matéria disciplinar relativa ao pessoal administrativo da Universidade.

O primeiro excluía, nos departamentos onde havia professor titular, a oportunidade de docentes de outras classes da carreira do magistério poderem exercer o cargo de chefia de departamento, mesmo sendo mais competentes para a função de administrar. Além de privilegiar uma classe que, em geral, pouco participa da vida da Universidade como um todo, impede o reconhecimento do mérito da competência administrativa, a qual não mantém relação direta com a titulação acadêmica. Aliás, no artigo 49, os professores titulares são novamente privilegiados, recebendo cadeira cativa nas Congregações das Unidades, tornando esses colegiados extremamente fechados em Unidades onde existe grande número de titulares, como Medicina e Engenharia. O segundo artigo exemplifica o caráter centralizador do cargo de Reitor. Aliás, a grande centralização assumida por esse cargo é decorrente de omissão, já que ora nenhuma há exigência de a distribuição dos recursos financeiros das Unidades serem feitas pelo órgão colegiado superior da Universidade, ficando até hoje nas mãos do Reitor, e sabemos das dificuldades que isso acarreta nos processos de democratização necessárias à Instituição.

Em 1979, foram introduzidas modificações tanto no estatuto quanto no regime da UFBA. As principais alterações foram estas:

1. Criação de mais órgãos suplementares;
2. Inclusão do Diretor e do Vice-Diretor de Unidades na Congregação;
3. Inclusão do Vice-Diretor no Conselho Departamental;
4. A nomeação dos Diretores de Unidades passa do Presidente da República para o Ministro da Educação;
5. A Chefia dos Departamentos deixa de ser exclusividade dos professores titulares.

Durante o Reitorado do Prof. Fernando Macedo Costa (79-83), os Conselhos de Coordenação e Universitário elaboraram novos textos para o estatuto e o regimento da Universidade. Dessa vez, também não houve ampla consulta à comunidade, restringindo-se as discussões ao âmbito dos plenários dos Departamentos. A Associação dos Docentes da UFBA (APUB) tomou conhecimento da proposta dos órgãos superiores, através dos Departamentos, e solicitou ao Reitor uma cópia para discussão junto ao corpo docente. Não sei por que motivo, o processo foi engavetado, juntamente com as muitas emendas apresentadas através da APUB.

No período 84-88, a UFBA viveu um momento de grande abertura democrática, com o reitorado do Prof. Germano Tabacof. Naquele momento, a Diretoria do IGEO/UFBA fez um esforço muito grande para ver iniciado o processo de elaboração de um novo estatuto, tendo, inclusive, conclamado a comunidade para uma reunião ampla no Instituto, à qual compareceu mais de uma centena de pessoas, inclusive a representação da ASSUFBA, da ABUB e do DCE, para discussão da

necessidade de se aproveitar o momento democrático que se vivia na UFBA para introduzir nos documentos legais da Instituição as conquistas que estavam sendo implementadas na prática. Infelizmente a nossa campanha não contou com o indispensável entusiasmo das entidades representativas dos funcionários, estudantes e professores, nem com o apoio da Reitoria. Alegava-se, então, a necessidade de se aguardar a nova Constituição Federal, que estava sendo elaborada, bem como a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a famosa LDB, que desde 89 está sendo discutida no Congresso Nacional, sem nenhum resultado objetivo. Nós defendíamos que o processo de reformulação dos documentos legais norteadores da vida da Universidade devem ser precedidos de ampla discussão sobre o papel da Universidade devendo ser, por isso mesmo, iniciado imediatamente. Além disso, a constituinte apontava para a democratização da carta magna, o que só iria reforçar os instrumentos que propusessem maior abertura no funcionamento da nossa Universidade. Quanto à espera de uma nova LDB, considerávamos um argumento absurdo, tendo em vista a longa morosidade no processo de construção da LDB anterior, que durou oito anos de discussões acaloradas no Congresso Nacional, entre as alas conservadoras e progressistas que ainda hoje encontram-se bem representadas naquele fórum. Pensando assim, chegamos a constituir uma comissão paritária, na reunião mencionada, constituída por estudantes, funcionários e docentes do IGEO/UFBA. Esta comissão reuniu-se algumas vezes, produziu uma cartilha e um texto para mobilização da comunidade, mas o nosso trabalho não foi suficiente para convencer a comunidade, extasiada pela abertura do reitorado Tabacof.

Eis que chega 1988, trazendo a traumática posse do Reitor Rogério Vargens, que promoveu um tremendo retrocesso no processo de democratização da UFBA, estabelecendo uma gestão extremamente autocrática e prejudicial ao desenvolvimento da instituição universitária, a qual, a meu ver, para cumprir o papel que a sociedade tanto reclama, precisa da participação da comunidade na sua gestão na mesma proporção em que necessitamos do ar que respiramos. Uma Universidade socialmente descomprometida não colabora para a mudança da face de um País. Prova disso é o fato de vários países da América Latina, que possuem Universidades desde o século XVIII, não serem mais desenvolvidos do que o Brasil, onde essa Instituição data deste século.

Logo que se iniciou o reitorado do Prof. Rogério Vargens, tive a infelicidade de perceber o equívoco cometido pelos nossos colegas que não entenderam a necessidade de reformular o estatuto da UFBA na gestão Tabacof. Muito do retrocesso verificado não teria ocorrido se tivéssemos sacramentado em estatuto, as conquistas que tivemos nesse quadriênio. Aliás, o Prof. Rogério nem sequer teria tido a oportunidade de dirigir a UFBA se se tivesse conseguido um estatuto que rezasse escolha direta de Reitor e percentual mínimo de votos para ingresso na lista sextupla. Obviamente que a derrubada da lista sextupla para escolha de Diretor e Reitor já deveria ter sido motivo de forte campanha nacional, mas este assunto exorbita o estatuto, e por isso não será tratado aqui.

Chega, em boa hora, a Profa. Eliane Azevedo, primeira Reitora escolhida pela comunidade da UFBA, trazendo, por isso mesmo, uma enorme esperança para todos

aqueles que aqui trabalham ou estudam. Entre as suas propostas de campanha eleitoral, estava o compromisso de deflagrar um processo de estatuinte universitária. Aliás, no final do mês passado, esse compromisso começou a ser cumprido, com a escolha de comissão para tratar do assunto. Daí a necessidade de mais alguns esclarecimentos.

QUE É ESTATUINTE?

O conjunto de pessoas que elabora o novo estatuto de uma universidade chama-se de ESTATUINTE UNIVERSITÁRIA. É extremamente importante que, de alguma forma, cada um de nós, professor, estudante e funcionário, participe da elaboração do próximo estatuto da Universidade. Os motivos são vários. Eis alguns:

1. O estatuto define as normas gerais de funcionamento para toda a Universidade. E quanto maior número de pessoas participarem da discussão dessas normas, maior probabilidade elas têm de serem melhores. Participando da preparação das normas da UFBA, cada um de nós fica conhecendo melhor os seus problemas e a sua importância. Com isso, aprendemos a gostar mais da Universidade e ficaremos mais empenhados na sua melhoria. Participar desse trabalho coletivo de refazer o estatuto é uma boa forma de desenvolver o sentimento de cidadania.
2. Mesmo que se queira ficar limitado à ótica do interesse individual, ainda assim existe um motivo muito forte para participar direta ou indiretamente da estatuinte: é que o estatuto estabelece normas sobre assuntos que interferem na nossa vida profissional. Veja, por exemplo:
 - 2.1 - é o estatuto que define o regime dos cursos, a forma de avaliação dos alunos, o sistema de monitoria e de bolsas de estudo - elementos que refletem na vida do estudante;
 - 2.2 - é o estatuto que trata dos concursos públicos para professor, das atribuições dos docentes, das transferências e afastamentos - tudo isso interessa ao corpo docente;
 - 2.3 - é o estatuto que define o processo de avaliação, a relocação e a representação do pessoal técnico-administrativo nos diversos órgãos colegiados;
 - 2.4 - é o estatuto que define as formas de escolha dos dirigentes e isso interessa a estudantes, professores e funcionários;
 - 2.5 - é também o estatuto que define o tipo de Universidade que queremos ter e isso interessa tanto aos segmentos da Universidade quanto à sociedade.
3. A participação na estatuinte tem um caráter educativo da maior importância pois não resta dúvida de que, após tomar parte nos vários debates que ocorrerão durante a sua gestação, qualquer um sairá politicamente mais amadurecido e psicologicamente mais preparado para a comunicação interpessoal.

COMO SE PODE PARTICIPAR DESSA ESTATUINTE DA UFBA?

Cabe à comunidade decidir sobre a melhor forma de conduzir a estatuinte. Há várias possibilidades. Vejamos algumas:

1. O grupo que constituirá a estatuinte poderá ser formado por número igual de representantes de docentes, estudantes e funcionários, escolhidos livremente pelos três segmentos. Estes conduzirão o processo consultando toda a comunidade através, sobretudo, de amplos debates, gerais e/ou por categoria.
2. Os conselhos superiores da Universidade (de Coordenação e Universitário) poderão escolher o corpo dos estatuintes que conduzirão o processo.
3. Os estatuintes poderão ser escolhidos pelas Unidades de Ensino, pesquisa e extensão e pelos órgãos administrativos, através do voto direto.

De qualquer forma, o mais importante é que haja uma participação ativa da comunidade e, para tanto, é preciso que o processo seja precedido de uma intensa mobilização para que a UFBA toda se conscientize da importância do envolvimento de todos nas diversas etapas de construção do seu estatuto. Cabe à Reitoria importante papel nesse processo inicial de mobilização devendo, para tanto, acionar toda a estrutura formal da Universidade, mas a APUB, a ASSUFBA e o DCE também precisam participar!

ABAETÉ... UM LUXO?

Paulo Eduardo Avanzo*

Nosso país enfrenta problemas sociais graves. Apenas para uma referência, considerando a questão da nossa população infantil, só aí temos motivos de sobra para decretar emergência nacional. Para quem se depara com esse quadro, não é difícil optar, inadvertidamente, por relegar a segundo plano as questões ambientais existentes.

O Abaeté tem sido alvo deste tipo de visão, apressado e superficial. Quem observa seus arredores constata que já estão praticamente tomados pelo crescimento desordenado de uma metrópole sem controle da qualidade de vida. Aparentemente o Abaeté não recebeu ainda uma atenção mais cuidadosa pela existência de problemas mais importantes que a proteção de nossos recursos ambientais.

Sim, mas muitas vezes se levantaram, algumas a cata de promoção pois que o Abaeté ainda é um tema de boa aceitação nos noticiários. É estranho que nada disso tenha surtido efeito. Bem, na verdade, as propostas dos que pretendem defender o Abaeté tem se deslocado para um plano ideal da preservação pura e simples, muitas vezes sem a devida noção do que isto significa. Então defendem-se a manutenção de ridículas ilhas de preservação em meio a um mar de urbanização selvagem. Algumas delas, sem se dar conta da contradição, contemplando com maior condescendência o convívio de preservação ecológica e habitações aglomeradas no mesmo espaço vital.

A questão do espaço ocupado realmente se mostra um dos focos centrais do problema, conectado a uma grande falta de melhor divulgação das Ciências da Terra. As questões são discutidas num nível superficial e equivocado, a ponto de se propor a preservação do espelho d'água, sem proteger a zona de recarga do lençol subterrâneo! Ou mesmo a proteção de dunas segundo as linhas de suas cristas; isto é, pela metade... (se um lado for descarnado, como o outro poderá se sustentar sozinho?! E várias outras do gênero...

Os poucos projetos que têm logrado insuficientes contribuições para a área, agiram muito mais no sentido de uma intervenção que uma preservação ou proteção. Projetos do tipo pseudo sofisticado com excesso de implementos arquitetônicos puxados ao estilo foclórico (vide o Jardim de cactos à entrada do Abaeté) e que na verdade estimulam um acesso caótico de freqüentadores do tipo "farofero", num primeiro momento, e depois acabam sub-utilizados por deficiências de manutenção (vide o Parque de São Bartolomeu), dando ensejo a ação crescente da marginalidade.

Um país que sabe valorizar seus recantos turísticos e exóticos faria bem ao contrário: uma proteção real em torno da área, permitindo os meios de acesso e os implementos turísticos apenas em sua periferia distante, ficando o miolo mais valorizado a salvo das intervenções, destinado apenas a visitas de grupos vindos a pé, em caminhos rústicos e adequados. Nesta linha o Abaeté, estaria sendo bem melhor

*Professor do Departamento de Sedimentologia do Instituto de Geociências da UFBA.

aproveitado e seria bem mais freqüentado atualmente. Os dividendos econômicos gerados em torno de sua utilização racional seriam bem mais significativos que os atuais cobranças de serviços de luz e água e arrecadação de impostos urbanos, provenientes do mal ajambrado de moradias que quase chegam a contornar todo o perímetro da lagoa...

Voltando à nossa referência inicial, sobre os problemas cruciais de nossa pobre infância nacional, pode-se contrapor um argumento: só a diferença entre os recursos econômicos que seriam de uma boa política nacional de proteção e utilização, e os que atualmente são obtidos, já daria para financiar serviços de assistência e amparo ao nosso menor abandonado, com reais chances de melhoor encaminhamento social. Uma alternativa seria a formação de guias turísticos mirins, entre outros, destinados a atuar na própria área do Abaeté.

Em resumo, a questão ambiental é também uma questão econômica, representando uma fonte de recursos bastante relevante aos países que enfrentam graves problemas sociais. Quem tem um problema do menor carente como nós temos, não se pode dar ao luxo de permitir que o Abaeté se escoe no tempo numa perda imbecil.

ONDE GEOLOGIA E DIALECTOLOGIA SE ENCONTRAM

Suzana Alice Marcelino Cardoso*

O título deste trabalho é obscuro e provocativo. Provocativo porque deliberadamente põe em confronto uma ciência da matéria, que lida com as rochas e os solos, os minerais e os cristais - a Geologia - e outra de caráter eminentemente social, que se fundamenta na produção verbal do homem e discute a sua variação no tempo, no espaço e nos contextos socioculturais - a Dialectologia. Obscuro porque admite um "casamento" entre dois ramos do conhecimento aparentemente distanciados. Se o obscurantismo não é recomendado, a provocação é sempre estimulante e benéfica (quando bem intencionada!) e se justifica neste breve artigo por se intentar mostrar, de maneira prática, a interrelação entre as ciências, mesmo entre aqueles saberes sem vinculação explícita, deixando-se claro o caráter de complementariedade que entre eles se pode encontrar e estabelecer.

Declarada a intenção, passo à substância das considerações. Procuo, com base nos resultados cartografados em dois atlas lingüísticos brasileiros - o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*¹ e o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*² -, mostrar a contribuição que o saber popular pode fornecer ao conhecimento sistemático, cientificamente construído. Parto, para tanto, do exame de designações para *tipos de terreno* ocorrentes na Bahia e em Sergipe e da descrição que os informantes apresentam para cada uma delas.

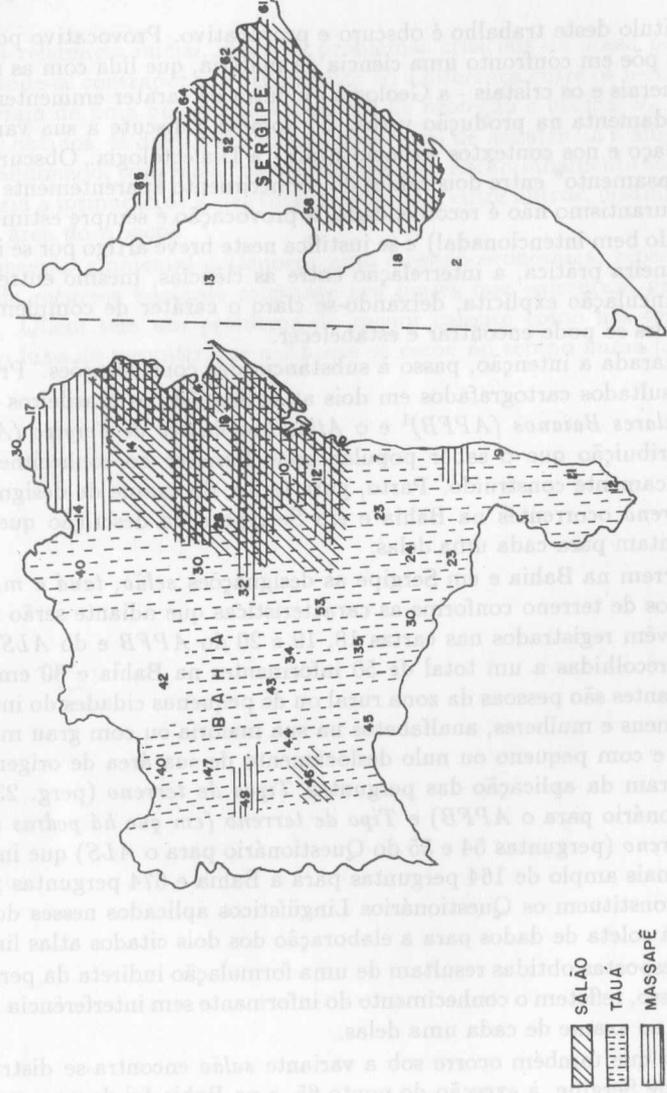
Ocorrem na Bahia e em Sergipe as designações *selão*, *tauá* e *massapé* para certos tipos de terreno conforme as características que adiante serão fornecidas. Tais dados vêm registrados nas cartas 18, 19 e 20 do *APFB* e do *ALS* (ver mapa 1) e foram recolhidas a um total de 50 informantes na Bahia e 30 em Sergipe. Esses informantes são pessoas da zona rural ou de pequenas cidades do interior (ver mapa 2), homens e mulheres, analfabetos na sua maioria ou com grau mínimo de escolaridade e com pequeno ou nulo deslocamento de sua área de origem. As respostas resultaram da aplicação das perguntas *Tipos de terreno* (perg. 23 do Extrato de Questionário para o *APFB*) e *Tipo de terreno (em que há pedras miúdas)* e *Tipos de Terreno* (perguntas 54 e 55 do Questionário para o *ALS*) que integram um conjunto mais amplo de 164 perguntas para a Bahia e 674 perguntas para Sergipe, as quais constituem os Questionários Lingüísticos aplicados nesses dois Estados com vistas à coleta de dados para a elaboração dos dois citados atlas lingüísticos.

As respostas obtidas resultam de uma formulação indireta da pergunta específica e, por isso, refletem o conhecimento do informante sem interferência do entrevistado. Vamos ao exame de cada uma delas.

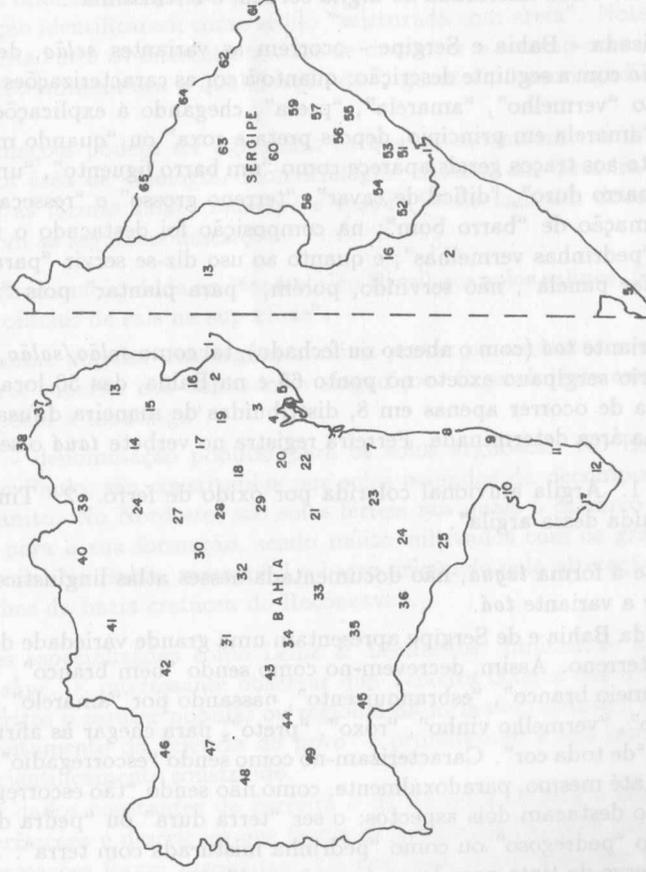
Selão que também ocorre sob a variante *salão* encontra-se distribuída por toda a área de Sergipe, à exceção do ponto 65, e na Bahia foi documentada no Nordeste do Estado, com uma ocorrência única ao Oeste (ponto 48). O Dicionário da Língua

*Professora do Instituto de Letras da UFBA.

M A P A - 1
TIPOS DE TERRENO: SALÃO, TAUÁ, MASSAPÉ
 (Reprodução dos dados constantes das Cartas 18, 19 e 20 do APFB e do ALS)



M A P A - 2
BAHIA e SERGIPE - Localidades inquiridas para o APFB e o ALS



1. Abadia, 2. Apodá, 3. Rio Fundo, 4. Santiago do Iguape, 5. Abrantes, 6. Vetha Bojebe, 7. Faisqueira, 8. Posim do Sul, 9. Santa Cruz Cabralia, 10. Barromas, 11. Prado, 12. Ilucuri, 13. Jeremabão, 14. Monte Santo, 15. Miranda, 16. Vila Velha, 17. Conceição do Coité, 18. Jirid, 19. Açuda Rio, 20. P. Pra Branca, 21. Morangá, 22. Jiquiriçá, 23. Boca Nova, 24. São João del-Rei, 25. São João del-Rei, 26. São João del-Rei, 27. São João del-Rei, 28. São João del-Rei, 29. São João del-Rei, 30. São João del-Rei, 31. São João del-Rei, 32. São João del-Rei, 33. São João del-Rei, 34. Macaúbas, 35. Caetitá, 36. Condeúba, 37. Redeiras, 38. Pombu, 39. Capim do Serão, 40. Santo Af, 41. Pião, Aracado, 42. Barra, 43. Paratinga, 44. Santana, 45. Carinhonha, 46. Bepituba, 47. Tágua, 48. Carrutinho, 49. São Desiderio, 50. Ibiranhem, 51. Santa Luzia, 52. Tomar do Geru, 53. Estância, 54. Pedrinhas, 55. São Cristóvão, 56. Itaporanga, 57. Laranjeiras, 58. Simão Dias, 59. Divina Pastora, 60. Ribeirópolis, 61. Brejo Grande, 62. Propriá, 63. Nossa Senhora da Glória, 64. Caruru, 65. Curralinho.

Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira³ não registra a primeira dessas variantes - *selão* - e no verbete *salão* assim se manifesta:

"1. Terreno arenoso ou barrento; solão. 2. Fundo arenoso cheio de limo. 3. Bras. Terreno impermeável por causa de uma camada pedregosa. 4. Bras. AM e AC. Baixo de argila vermelha e dura, a qual ruindo de uma escarpa talhada a pique sobre os rios, se deposita no leito destes, ocasionando problemas à navegação. 5. Bras. PE. Fundo do mar, ou do rio, duro e de areia fina. 6. Bras. Terreno duro e que preserva a umidade por muito tempo. 7. Bras. Terra misturada de argila corada, e fertilíssima".

Na área pesquisada - Bahia e Sergipe - ocorrem as variantes *selão*, de forma majoritária, e *salão* com a seguinte descrição: quanto à cor as caracterizações variam do "terra alva" ao "vermelho", "amarela", "preta", chegando a explicações mais completas como "amarela em princípio, depois preta e roxa" ou "quando molhada empretece"; quanto aos traços gerais aparece como "um barro liguento", "um barro visguento", "um barro duro", "difícil de cavar", "terreno grosso" e "ressecado" ou descrita pela afirmação de "barro bom"; na composição foi destacado o fato de conter "areia" e "pedrinhas vermelhas"; e quanto ao uso diz-se servir "para tapar casa" e para "fazer panela", não servindo, porém, "para plantar" pois "não dá (floresce) nada".

Tauá e a sua variante *toá* (com o aberto ou fechado), tal como *selão/salão*, ocorre em todo o território sergipano exceto no ponto 65 e na Bahia, das 50 localidades investigadas, deixa de ocorrer apenas em 8, distribuídas de maneira difusa e não concentradas numa área determinada. Ferreira registra no verbete *tauá* o seguinte:

"S.M. Bras. 1. Argila aluvional colorida por óxido de ferro. 2. Tinta amarela extraída dessa argila".

e dá como variante a forma *taguá*, não documentada nesses atlas lingüísticos, deixando de registrar a variante *toá*.

Os informantes da Bahia e de Sergipe apresentam uma grande variedade de cores para esse tipo de terreno. Assim, decrevem-no como sendo "bem branco", "alvo", "da cor do cal", "meio branco", "esbranquicento", passando por "amarelo", "amarelado", "vermelho", "vermelho vinho", "roxo", "preto", para chegar às afirmações "de várias cores", "de toda cor". Caracterizam-no como sendo "escorregadio", "barro duro demais" e até mesmo, paradoxalmente, como não sendo "tão escorregadio". Na sua composição destacam dois aspectos: o ser "terra dura" ou "pedra dura" e apresentar-se como "pedregoso" ou como "pedrinha misturada com terra". No seu uso foi dito que "serve de tinta para louça (=cerâmica)", "serve para revestir forno de (fazer) farinha", "tinturar casa", além de ser propício a "todo tipo de plantação".

Massapé está documentada em todo o Estado de Sergipe, exceto no ponto 61, e na Bahia distribui-se pelo Nordeste e Centro-Leste do Estado, registrando-se, ainda, em pontos esparsos, um no extremo Oeste (ponto 49) e um outro mais ao Sudeste (ponto 8). Ferreira registra a forma como brasileirismo e nas seguintes acepções:

"1. Bras. N e NE. Terra argilosa de SE e BA, formada pela decomposição de calcáreos cretáceos, preta quase sempre, e ótima para a cultura de cana-de-açúcar. 2. Bras. S. Solo argiloso proveniente de alteração intempérica de rocha graníticas e gnáissicas".

O *massapé* é descrito pelos informantes como sendo "um barro preto", ou "vermelho", ou ainda "de cor clara". A sua caracterização é bastante diversificada: é dito como "escorregadio", "liguento" ou que "no inverno fica liguento" e como "terra dura", mas reconhecido como "boa para plantar cereais" e "para plantar com pouco inverno". Um informante apenas disse ser "terra ruim" que "nem mato cresce". Na sua composição identificaram como sendo "misturada com areia". Note-se a associação que é feita entre os diferentes modos de descrever o terreno e as condições climáticas que determinam ora a qualificação de "liguento", "escorregadio", ora a de "terra dura".

A essas informações podem ser agregadas as que se encontram em dicionários especializados na área de Geologia/Geomorfologia. Assim, em Teixeira Guerra⁴ vêm registradas as formas *salão*, *massapé* e *taguá* (forma também documentada por Ferreira), com as seguintes descrições:

"*salão* - denominação dada no Nordeste do Brasil aos solos salinos, tendo eflorações de sais na superfície".

"*taguá* - nome popular das argilas aluviais pretas ou cinzentas escuras da parte superior dos banhados e alagadiços. É geralmente camada superposta à tabatinga".

"*massapé* - denominação popular para os solos argilosos. No Estado de São Paulo, são constituídos por solos oriundos da decomposição do granito. No Nordeste, são solos férteis nos quais o calcáreo concorre para a sua formação, sendo muito cultivados com os grandes canaviais. Na Bahia, *massapé* é o barro originado pela alteração dos folhelhos da bacia cretácea do Recôncavo".

Outras fontes especializadas como Leinz & Leonardos⁵ limitam-se ao registro de apenas *massapé*. É interessante observar que Teixeira Guerra destaca nos três verbetes transcritos o caráter popular ou regional da forma em questão, revelando, assim, o aproveitamento da "ciência do povo" e promovendo a sua integração ao conhecimento cientificamente construído.

Reunindo os dados constantes de Ferreira e de Teixeira Guerra e confrontados com as caracterizações e descrições que fazem os nossos informantes rurais, vemos que novas informações foram acrescentadas. De um lado, observa-se que variantes - como *selão* e *toá* - não registradas nos dicionários constituem-se em formas de uso geral e perfeitamente vivas, pelo menos na área da Bahia e Sergipe. De outro, as caracterizações feitas e apresentadas por pessoas do mundo rural acrescentam ao conhecimento cristalizado nos compêndios dados subsidiários. Assim, no que diz respeito à descrição são apontadas cores e texturas, como as referências a "vermelho", "preto", "amarelo" ou "liguento", "visguento", "duro" para *selão/salão*.

Quanto à composição, citam, por exemplo, o ser "pedregoso" ou "pedrinha misturada com terra" ou ainda "pedra dura" para *tauá*. No que se refere aos usos, tem-se uma variada gama de indicações: "serve para tapar casa" e "fazer panela" (*selão*), "serve de tinta", "serve para revestir forno de farinha (*tauá*)", trata-se de terreno "bom para plantar cereais" ou "para plantar com pouco inverno" (*massapé*). A pormenorização a que chegam os informantes tanto na descrição/caracterização como nos usos apontados revela a integração do homem rural com a terra, em torno da qual giram a sua vida e o seu sustento.

Com estas rápidas considerações, em que ponho no mesmo patamar o saber vivido - o do homem do campo - e o saber construído - o do estudioso, pesquisador - quero salientar que a especialização do mundo moderno não pode prescindir das implicações de uns sobre outros ramos do saber, pois, a cada momento, um está a pedir auxílio a outro, a buscar nas ciências mais ou menos afins o amparo de que necessita para prosseguir na sua investigação. Se se procura, por um lado, o aprofundamento, por outro, este mesmo aprofundamento passa a requerer, para que de fato se efetive, o auxílio das demais ciências. A experiência parece demonstrar que a busca de integração com diferentes ramos do saber está na razão direta do aprofundamento que se pretende alcançar em determinadas especialidades. Especialização e abrangência, paradoxalmente, caminham juntas para que, na verdade, se possa dar curso à primeira. Com esse entendimento me permito uma afirmação final e conclusiva: não há limites estanques, intransponíveis que isolem e separem as ciências a ponto de tornar cada uma delas um campo restrito e fechado em si. E para isso me propus chamar a atenção quando dei a esta modesta colaboração o título "Onde Geologia e Dialectologia se encontram", agora não mais obscuro nem provocativo!

NOTAS

1. ROSSI, N. (1963). Atlas Prévio dos Falares Baianos. Rio de Janeiro, MEC-INL.
2. FERREIRA, C., MOTA, J., FREITAS, J. et alii. (1987). Atlas Lingüístico de Sergipe. Salvador. UFBA/IL/FUNDESC.
3. FERREIRA, Aurélio B. de H. (1986). Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
4. GUERRA, Antônio Teixeira. (1972). Dicionário geológico-Geomorfológico. 4^a ed. Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro.
5. LEINZ, V. & LEONARDOS, O.H. (1977). Glossário Geológico. 2^a ed. corr. e aum. Ed. Nacional, São Paulo.

CONSEQUÊNCIAS DA PECUARIZAÇÃO EM SÃO GONÇALO DOS CAMPOS/BA

Valdemiro Lopes dos Santos*

1. INTRODUÇÃO

As principais conseqüências do processo de pecuarização do município de São Gonçalo dos Campos/BA manifestam-se notadamente no aumento do rebanho bovino, das áreas de pastagens, de produção de carne, leite e derivados e com a conseqüente redução das áreas destinadas à agricultura.

Conforme TEIXEIRA e ANDRADE (1984), em São Gonçalo dos Campos "terras de lavoura de subsistência têm sido destinadas a pastagens para pecuária bovina, para chácaras ou são adquiridas com fins especulativos".⁽¹⁾

2. INVOLUÇÃO DA LAVOURA EM SÃO GONÇALO DOS CAMPOS/BA - DADOS ESTATÍSTICOS

A seguir faremos demonstração, através de tabelas e análises das mesmas acerca da regressão das culturas agrícolas em São Gonçalo dos Campos, nas três últimas décadas.

Tabela 1: Bovinos, produção de leite, demanda bovina, capacidade de suporte e relação bovino/habitante - São Gonçalo dos Campos - Censos de 1960/1970/1980

	1960	1970	%	1980	%
Bovinos	24.033	9.540	-69,30	19.260	91,78
Leite (litro)	1.123.000	1.067.000	-4,98	2.019.000	89,22
Densidade Bovina (hab/km ²)	83,44	33,12	-	63,52	-
Capacidade de suporte (b/ha)	0,76	0,85	-	0,92	-
Relação Bovino/Hab.	0,71	0,43	-	0,86	-

FONTE: IBGE - Censos Agropecuários do Estado da Bahia - 1960/70/80.

(Cálculos do Autor)

*Professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA

(1) TEIXEIRA, Marli G. e ANDRADE, Maria José de S. Memória histórica de São Gonçalo dos Campos. Salvador: Artes Gráficas, 1984, p.94.

Tabela 2: Produção de fumo, feijão e mandioca de São Gonçalo dos Campos - Censos de 1960/70/80

ITEM	1960		1970				1980			
	ton	ha	ton	%	ha	%	ton	%	ton	%
Fumo	820	-	358	-56,34	675	-	176	-50,83	253	-62,51
Feijão	335	694	250	-25,37	550	-20,74	73	-70,80	153	-72,18
Mandioca	20.728	916	30.052	44,98	1.690	84,49	11.590	-61,43	873	-48,34

Tabela 3: Evolução das áreas de pastagens em São Gonçalo dos Campos - Censos de 1960/70/80

1960			1970					1980						
Área Total ha	Pastagens		Área Total ha	Pastagens		Sub- área %	Nat %	Art %	Área Total ha	Pastagens		Sub- área %	Nat %	Art %
	Nat*	Art*		Nat*	Art*					Nat*	Art*			
49.434	14.910	16.334	24.328	5.874	5.307	-50,78	-60,60	-67,50	26.813	5.476	14.362	10,21	6,77	170,62

FONTE: IBGE - Censos Agropecuários da Bahia em 1960/70/80.

(Cálculos do Autor)

(*) Em hectares Nat = Natural Art = Artificial

Tabela 4: Evolução das áreas de lavouras em São Gonçalo dos Campos - Censos de 1960/70/80

1960			1970					1980						
Área Total ha	Lavouras		Área Total ha	Lavouras		Área Total %	Per %	Tem %	Área Total ha	Lavouras		Área Total %	Per %	Tem %
	Per*	Tem*		Per*	Tem*					Per*	Tem*			
49.434	56	3.241	24.328	426	2.922	-50,71	660,71	-9,84	26.813	359	1.692	10,21	-15,72	-42,09

FONTE: IBGE - Censos Agropecuários da Bahia em 1960/70/80.

(Cálculos do Autor)

(*) Em hectares Per = Permanente Tem = Temporário

As reduções verificadas nos dados relativos aos censos de 1960 para 1970 se devem ao fato de ter o município de São Gonçalo dos Campos sofrido desmembramento⁽²⁾ originando o município de Antonio Cardoso, que passou a integrar a MRH-143 - Microrregião Homogênea de Feira de Santana.

⁽²⁾Cf. CEPLAB/SEPLANTEC/BAHIA. Informações Bancos dos Municípios Baianos por Microrregiões Homogêneas. Salvador: CEPLAB, 1980, p.358. - O município de Antonio Cardoso foi criado em 1962, desmembrado de São Gonçalo dos Campos pela Lei Estadual 1.682 de 18.04.62, publicado no D.O.BA de 14.06.1992.

Com este desmembramento o município de São Gonçalo perdeu 52,23% do seu território.

Com efeito, desde a década de 60, começaram a surgir na zona rural de São Gonçalo dos Campos, os pastos artificiais, que vão sendo plantados não só em áreas antes destinadas à fumiçultura e às culturas de subsistência, como também em áreas novas ainda cobertas pela vegetação natural, que são desmatadas e integradas e pecuarização. É este um dos prenúncios do processo emergente: a redução das áreas da agricultura comercial e de subsistência, que conseqüentemente propiciam a ampliação das pastagens artificiais e os aumentos do rebanho bovino, da produção de carne, leite e derivados (Tab. 1).

A partir de então, as fazendas de criação de gado bovino começam a proliferar na paisagem e vão predominando e se tornando cada vez mais sofisticadas. É um fenômeno fácil de ser percebido, mesmo através dos métodos mais simples de observação.

Ao longo das estradas de acesso ao município, principalmente nos arredores da sede, via-se anteriormente, às suas margens, as plantações de funo (intercaladas com mandioca, às vezes) em todos os sentidos e na paisagem aberta de campos extremamente recortados, área que, segundo EGLER, (1952)⁽³⁾, correspondia "à região do Recôncavo que produzia a melhor qualidade de fumo" de todo o Estado da Bahia.

Segundo análise de SANTOS (1990), "em São Gonçalo dos Campos, o processo de intensificação da pecuária começa a se acentuar a partir da instalação de indústrias especializadas de leite no CIS-Centro Industrial do Saubaé, em Feira de Santana, em 1971".⁽⁴⁾

Outra causa estaria no crescimento das massas urbanas que, exigindo maior consumo de carne, leite e derivados, também operam mudanças nos processos produtivos do campo. Na cidade mais que no campo, devido ao gênero de vida e modo de trabalho aí desenvolvidos, a população tem necessidade de uma quantidade maior de alimento animal do que o trabalhador rural.

A pecuarização traz consigo, a exploração especializada dedicada à produção e ao melhoramento da diversidade de raças que compõem o rebanho bovino, para que haja um maior rendimento no menor espaço de tempo, ou seja, é a pecuária adotando o princípio econômico da relação custo/benefício.

Nesse contexto, São Gonçalo dos Campos passou a ser um município especializado na produção de gado Nelore, destinado ao corte e do gado Holandês, destinado à produção leiteira, como mencionado em CEPLAB/SEPLANTEC/BAHIA (1978): "Este tipo de criação especializada ocorre com certa frequência entre pecuaristas das bacias leiteiras de Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos..."⁽⁵⁾

⁽³⁾EGLER, Walter A. Aspectos gerais da cultura do fumo na Região do Recôncavo na Bahia. Bol. Geográfico. Ano X, Bov/Dez, 1952, p. 697-688.

⁽⁴⁾SANTOS, Valdemiro Lopes dos. A pecuarização no Recôncavo Fumageiro: o caso de São Gonçalo dos Campos. Universidade Federal de Pernambuco, 1990. (Dissertação de Mestrado), p.16.

⁽⁵⁾CEPLAC/SEPLANTEC/BAHIA, Economia Baiana. Subsídios para um Plano de Governo. Diagnóstico do Setor Agropecuário. Salvador, 1978, p.56.

Quanto mais especializada é a exploração, quanto mais o gado lhe é útil apenas sob um determinado segmento, mais rápido é o movimento das transações. Convém lembrar, entretanto, que quanto mais se desenvolve o comércio, mais ele sujeita à sua dependência o pequeno produtor que não domina o jogo de mercado e mais facilmente cai em dificuldades. O comércio torna-se assim, uma fonte abundante de prejuízos e de exploração para o produtor rural.

Como conseqüência da expansão pecuarista, o município em estudo, apresenta hoje taxa de densidade bovina das mais altas da microrregião (MRH-151 - Recôncavo Baiano) bem como, capacidade de suporte aproximando-se de um bovino por hectare, taxa que também é elevada para a região, enquanto que a relação bovino/habitante também se aproxima de um boi para cada habitante, como pode ser visto na Tabela 1.

Não se pode negligenciar o papel de desenvolvimento dos meios de comunicação no processo de pecuarização. Conforme afirma FREDERIQ (1982), "a dependência da agricultura em relação ao comércio aumenta, normalmente, na medida em que a acumulação do capital revoluciona as comunicações".⁽⁶⁾

E como se deduz, da Prefeitura Municipal de São Gonçalo dos Campos (1983)⁽⁷⁾, o próprio governo municipal, por sua vez, também dá a sua parcela de contribuição e incentivo a projetos pecuários. Na gestão 1983/1988 foi encaminhado ao Governo Federal um Planejamento de Desenvolvimento Rural Integrado - PLANDERI - que, entre outros planos de ação, destaca o PRODESAC - Programa de Desenvolvimento Agropecuário, no qual reconhece que a bovinocultura leiteira é "a atividade mais expressiva no que se refere à área explorada" e por isso, "o programa proporciona maior apoio técnico aos criadores, através de difusão de melhores técnicas de manejo e melhoramento genético do rebanho".

Com toda esta gama de apoio, o processo de pecuarização só tende a crescer no município em questão, como vem realmente acontecendo.

3. A EXPANSÃO COMERCIAL

Percebe-se que o número de estabelecimentos comerciais cresceu bastante com a mudança da atividade econômica. Hoje no município há um total de 226 estabelecimentos.

Diversificou-se não só o pequeno comércio, aquele de estoque mais limitado que atende às necessidades mais urgentes da população, como também, o de grande porte, uma vez que os supermercados começam a se instalar na sede municipal, que atualmente conta com três deles: um de porte mais elevado - o Central - pertencente a uma rede intermunicipal, com sede em Alagoinhas no MRH - 148 - Agreste de Alagoinhas, que oferece um atendimento que pode ser considerado de luxo, com

⁽⁶⁾FREDERICO, Antoinette. A "babá" dos brasileiros: uma multinacional no setor leiteiro. In: Agricultura, Cooperativa e Multinacionais; Rio de Janeiro: Zahas, 1982, p. 106.

⁽⁷⁾PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO DOS CAMPOS. Proposta do Município de São Gonçalo dos Campos para a municipalização da agricultura. 1983. (Projeto Administrativo).

empacotadeiras e embalagens próprias ao serviço; o segundo, de características semelhantes - o Santa Bárbara - pertencente a um comerciante local, sendo o mais antigo da cidade e que também oferece serviços de boa qualidade; o terceiro, o mais modesto - O Mercado SP - Santos Pereira - também pertencente a comerciante local e que conta com um estoque mais limitado que os demais.

Esta diversificação comercial traz no seu bojo a presença das casas de produtos veterinários e de rações para a pecuária de grande e de pequeno porte, a exemplo da Casa CB - Cerqueira Barreiras - inaugurada em abril de 1992, também especializada em gêneros alimentícios de um modo geral.

Verifica-se também a expansão da área física do comércio, principalmente após a construção do Centro de Abastecimento inaugurado em julho de 1988, que provocou a desativação do antigo Mercado Municipal, transformado em Espaço Popular. Esta inauguração provoca o deslocamento do centro comercial para uma praça mais moderna, com infra-estrutura de apoio, descongestionando a antiga praça Dr. J.J.Seabra onde se realizava a tradicional feira aos sábados (agora no Centro de Abastecimento) tornando mais ágil a própria circulação no centro da cidade.

Cresceu também o setor bancário, pois da única agência da Caixa Econômica Federal existente no período fumageiro, foram abertas mais três: Banco do Brasil, Bradesco e Baneb, este último fechado por injunções políticas em 1990.

4. A EXPANSÃO DA AGROINDÚSTRIA LOCAL

Como conseqüência da expansão pecuária foi instalada na década de 80 a SAVUL - Indústria Baiana de Luvas Ltda., localizada no distrito de Afligidos. Fabrica produtos de couro, tais como: luvas, aventais e caneleiras, usadas como proteção para trabalhadores de outras indústrias. A matéria-prima utilizada é o couro beneficiado ao cromo, vaquetas e rasps. Está produzindo atualmente cerca de 70.000 unidades de manufaturados/ano, dirigidas ao mercado consumidor do Pólo Petroquímico de Camaçari e do Centro Industrial de Aratu, na Região Metropolitana de Salvador.

Já está em fase inicial de produção a Fábrica de Laticínios da Fazenda Lamurim, produzindo queijo e manteiga de excelentes qualidades.

Já conta também o município com a Fábrica de Laticínios da Fazenda Jeribá II, provida de modernas instalações: silos, galpões, piscina de beneficiamento de leite e ordenha mecânica; operando dentro dos mais modernos padrões de asseio e higiene, com pessoal devidamente uniformizado e convenientemente esterilizado. A Jeribá II produz: iogurte, queijo provolone, queijo frescal e mozzarella, além de manteiga. A matéria-prima provém do gado bovino de características POI (puro de origem internacional) PO (puro de origem) e PC (puro de cruza), de alta linhagem, grande produtor de leite das raças Schwiz e Holandês preto e branco.

A Fazenda Jeribá II é a maior produtora de leite tipo "A" no Estado da Bahia. A produção está em torno de 900 litros/dia, com previsão de aumento para 2.000 litros/dia. Vende direto para o consumidor, através das padarias.

O leite tipo "A" é o que exige maiores cuidados para ser produzido: higiene absoluta e instalações para acondicionamento inteiramente adequados. É o leite

da fazenda, sem misturas, sem aditivos ou conservantes químicos, que pode ser congelado e conservado em freezer durante semanas. As vacas em lactação tomam banhos diários e são ordenhadas mecanicamente. O leite é pasteurizado, embalado automaticamente em circuitos fechados, sem contato manual e comercializado para as padarias no mesmo dia em que é retirado das vacas.

Antes de ser conservado é analisado para verificar o número de bactérias e o teor de gordura. Por tudo isso é que ele é o mais caro e mais difícil de retorno de capital para o produtor, vindo daí o pequeno e seletivo número de produtores que a esta especialidade se dedica.

Outra consequência importante neste setor é o deslocamento do frigorífico da COOPERFEIRA - Cooperativa Pecuária de Feira de Santana Ltda., para o distrito de Humildes, muito mais perto agora de São Gonçalo dos Campos (no limite E de Feira de Santana/São Gonçalo dos Campos às margens da BR-101) de onde aproveita mão-de-obra para sua unidade de abate e escritório geral.

Como consequência direta deste deslocamento foi aberta na sede do município de São Gonçalo um posto de vendas da COOPERFEIRA, na Praça Dr. J.J. Seabra, onde são comercializados produtos como: carne, leite e seus derivados, a preços mais baixos, facilitando um pouco mais a vida dos consumidores.

5. CONCLUSÃO

A pecuarização se constitui hoje, sem dúvidas, num dos traços mais marcantes da economia regular, e o mais importante fator das transformações ocorridas no município em estudo, ultimamente. Ela está intimamente ligada à modernização agropecuária que se alastra pelo Brasil, em consequência da aceleração da expansão capitalista no campo.

Percebe-se que existem uma série de fatores atuando conjuntamente para fazer com que a pecuária se torne mais atrativa para os produtores, do que a agricultura. Dentre estes destacam-se: facilidade de comercialização de seus produtos; maior estabilidade dos preços; assistência creditícia mais ampla e mais efetiva, ligada aos próprios níveis econômicos. Porém mais forte que todas as vantagens, é o empenho do capitalismo em promover a sua expansão no campo, sobrepujando todos os obstáculos que por acaso fossem aparecer.

Os fatores básicos do crescimento das atividades pastoris no município são: a expansão industrial e o aumento da demanda de seus produtos, principalmente de carne e leite, açulado pelo crescimento populacional e econômico dos grandes centros urbanos vizinhos. É portanto, uma questão de domínio e ampliação de mercado. E isto é um privilégio dos capitalistas que com técnicas, fazem cada vez mais ocorrer a concentração do capital entre os seus pares.

As vantagens da pecuarização entretanto, não se estendem a toda a população de um modo geral. A população de baixa renda por exemplo, desde há muito tempo luta com dificuldades para adquirir um quilo de carne bovina. Os preços se tornaram proibitivos para grande parte da população. Os pecuaristas devem

pensar neste problema, assim como, as autoridades e os produtores induzidos pelo capitalismo.

O preço do leite "in natura" também não satisfaz ao produtor. Já o preço do leite beneficiado é sempre mais caro que o primeiro, tornando difícil a sua aquisição para a população mais pobre o mesmo ocorrendo com o preço do leite em pó que se tornou artigo de luxo.

Proliferam cada vez mais no município, belas propriedades onde verdadeiros tapetes verdes, contínuos, se desenvolvem em toda a sua extensão, salpicadas de pontos brancos (Nelore), castanhos (Guzerá) ou pintados de preto/branco (Holandês), contrastando com aquela paisagem de campos extremamente recortados da fumicultura anterior. Infelizmente, este tapete é de capim braquiria que só serve para alimentar o gado, e não de culturas de subsistência, essenciais, vitais para toda a coletividade.

Quanto à finalidade do rebanho, constata-se a supremacia do corte sobre a finalidade mais importante, a pecuária leiteira cresce a cada censo, o que indica um elevado grau de especialização nesta modalidade, culminando em São Gonçalo dos Campos, com a produção do leite tipo "A", pioneira no Estado da Bahia.

Já com relação a estrutura fundiária, percebe-se a característica minifundiária no município, não obstante, começam a surgir propriedades com mais de 160 ha, mais adequadas à atividade pecuária, gerando a concentração de terras, que por sua vez, vai proporcionar a concentração do capital nas mãos dos poucos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEPLAB/SEPLANTEC/BAHIA. Economia Baiana. Subsídios para o Plano de Governo. Diagnóstico do Setor Agropecuária. Salvador, 1978, p.56, p.229.
- CEPLAB/SEPLANTEC/BAHIA. Informações Básicas dos Municípios Baianos por Microrregiões Homogêneas. Salvador, CEPLAB, 1980, p.358.
- EGLER, Walter Albert. Aspectos Gerais da Cultura do Fumo na Região do Recôncavo na Bahia. Bol. Geográfico. Ano X, Nov/Dez, 1952, p.697-688.
- FREDERICO, Antoinette. A "babá" dos brasileiros: uma multinacional no setor leiteiro. In: Agricultura, Cooperativa e Multinacionais. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p.106.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO DOS CAMPOS. Projeto administrativo para a municipalização da agricultura. 1983, p.207.
- SANTOS, Valdemiro Lopes dos. A pecuarização no Recôncavo Fumageiro: O caso de São Gonçalo dos Campos/BA. Universidade Federal de Pernambuco, 1990. (Dissertação de Mestrado), p.16.
- TEIXEIRA, Marli G. e ANDRADE, Maria José de S. Memória Histórica de São Gonçalo dos Campos. Salvador: Artes Gráficas, 1984, p.94.

Délío José Ferraz Pinheiro*

Há algo mais terrível e maravilhoso que ser devorado por um dragão; é ser um dragão. Há algo mais estranho que ser um dragão: ser um homem.

Jorge Luis Borges
Modos de G.k. Chesterton. 1936

Roteirizado a partir do livro homônimo do ficcionista Michael Crichton, o diretor Steven Spielberg roda, na ilha vulcânica de Kauai, no extremo noroeste do arquipélago havaiano, um novo filme para a *Universal Pictures: Jurassic Park (Parque Jurássico)*. Editado nos Estados Unidos em outubro de 1990, o livro frequentou, por várias semanas, o primeiro lugar na lista dos mais vendidos do *The New York Times*. Precedido desse sucesso, foi recentemente lançado no Brasil pela Editora Best Seller com o título de *O Parque dos Dinossauros*.

Esta não é a primeira vez que Spielberg incursiona pelo mundo dos dinossauros. Em 1988, produziu, juntamente com George Lucas (*Guerra nas Estrelas*), o desenho animado de longa metragem *Em Busca do Vale Encantado (Land Before Time)*, no qual cinco jovens dinossauros perambulam pelo cenário do remoto passado ao som da voz de Diana Ross cantando *If we hold on together*. De igual modo, esta não será a participação inaugural de Crichton no mundo da cinematografia: em 1971, seu livro *The Andromeda Strain (O Enigma de Andrômeda; 1969)* foi adaptado para o cinema pelo competente diretor Robert Wise (*Jornada nas Estrelas; A Noviça Rebelde*). Além disso, em 1973, Crichton foi roteirista e dirigiu *Westworld (Onde Ninguém Tem Alma)*, um filme sobre uma rebelião de andróides num parque de diversões, e, em 1978, escreveu o roteiro e dirigiu, para a Metro-Goldwyn-Mayer, *COMA*, um *thriller* macabro sobre transplante de órgãos, baseado na novela, de igual título, de Robin Cook. Neste mesmo ano, volta ao cinema para roteirizar *The First Great Train Robbery (O Primeiro Assalto de Trem)*, onde também dirige um elenco encabeçado por Sean Connery.

Em *O Parque dos Dinossauros*, ao combinar duas modernas tecnologias, a informática e a biotecnologia (engenharia genética) com animais desaparecidos há

Professor do Departamento de Geoquímica do Instituto de Geociências da UFBA e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

NOTA: Este texto nasceu por sugestão do paleontólogo Romeu Barreto da Silva. Devo a esse amigo - cultor da literatura - além do estímulo à minha aventura literária pessoal, as críticas que, seguramente, evitaram que desatinos fossem aqui cometidos.

milhões de anos, Crichton consegue não ser repetitivo mesmo em um território bastante explorado pela ficção de entretenimento: a extravagância reptiliana da Era Mesozóica. De fato, são inúmeras as histórias de ficção científica, romances de aventuras, contos, filmes, seriados de televisão, desenhos animados e histórias em quadrinhos que têm os dinossauros como personagens, ou mesmo protagonistas.

Popularizados pela literatura de massa, revela-se um enorme interesse do público pelos dinossauros. Em que pese a existência desses répteis ser conhecida há apenas 170 anos - os primeiros achados fósseis datam de 1822 (Sussex, Inglaterra) - jamais nenhum outro animal povoou tanto a imaginação humana. Porém mistura-se tanto ficção e realidade no mundo dos dinossauros, que frequentemente a realidade perde os seus limites. Não sem razão, portanto, verifica-se uma espécie de fantasia predileta por esses seres bizarros de singular *design*, à qual se denomina atualmente de "Dinossauromania" ou, simplesmente, "Dinomania". Dois exemplos ilustram com clareza esse fenômeno da cultura de massa: a série televisiva *Flintstones* (estúdios Hanna Barbera), que, exibida inicialmente pela rede norte-americana ABC, persiste há 31 anos, sendo mostrada para 300 milhões de espectadores em 80 diferentes países; e o recente sucesso da *Família Dinossauros* (estúdios Walt Disney). Deve-se considerar ainda o êxito comercial de diversos produtos que levam estas marcas.

Por variadas razões os dinossauros fascinam. O neodarwinista Stephen Jay Gould, professor de geologia, biologia e história da ciência da Universidade de Harvard e conceituado autor de literatura de divulgação científica, confessa que os dinossauros o encantaram desde os cinco anos, quando seu pai o levou ao Museu Americano de História Natural (Nova York) para ver o esqueleto de um *Tyrannosaurus rex*: "Eu me apaixonei pelos dinossauros porque eles são enormes, inspiram medo e estão extintos". Michael Crichton prefere uma interpretação de um ponto de vista freudiano para explicar o fascínio que os dinossauros exercem: "As gigantescas criaturas personificam as forças incontroláveis da autoridade. São pais simbólicos. Fascinantes e assustadores como os pais. E as crianças os adoram, como amam seus pais". O paleontólogo Jean-Michel Mazin, pesquisador da Universidade de Paris VI, considera que este fascínio existe porque "os dinossauros são as maiores testemunhas de um estranho mundo que desapareceu. Através deles, nós exorcizamos nosso medo ancestral da morte. Se até eles foram varridos do planeta, por que haveríamos de ter um destino diferente?"

Os dinossauros excitam a admiração dos geocientistas porque foram os animais mais poderosos e gigantescos que já andaram sobre a Terra. Surgidos em torno de 225 milhões de anos atrás, no Período Triássico, exibiram enorme diversificação e tornaram-se os animais mais bem-sucedidos do planeta por mais de 150 milhões de anos. Após habitarem todas as geografias e adaptarem-se a rigorosas adversidades climáticas - foram encontrados fósseis nos desertos do Saara, de Gobi (China), e recentemente na Antártida -, desapareceram da face do planeta na transição Cretáceo-Terciário (fronteira K-T). Esse fato constitui-se em um dos maiores mistérios da história da vida na Terra. Um enigma que, somente nos últimos anos cientistas da Universidade da Califórnia, em Berkeley, começam a decodificar.

Mais sedutora ainda é a visão que mitologiza esses répteis: no imaginário popular,

os dragões e outros monstros semelhantes são formas idealizadas desses gigantes... animais de um Outro-mundo. Afinal, "os mitos", como definiu um filósofo do passado, "são coisas que nunca aconteceram mas que sempre existiram". Assim, pode-se compreender por que persevera desde a Idade Média, na cultura popular, a lenda de São Jorge e o Dragão, cujas imagens "mostram-se" em noites de lua cheia. Mesmo depois de o homem ter pisado na lua em 1969, o mito permanece. Os junguianos possivelmente emprestem a este fenômeno uma representação arquetípica dos medos e fascínios primordiais do homem, que emergem no "inconsciente coletivo". Não é sem motivo, portanto, que os maiores lagartos que ainda vivem no planeta - *Varanus komodoensis* - apenas encontrados no isolamento das ilhas vulcânicas de Komodo; no mar da Malásia, Indonésia, são denominados de "Os Dragões de Komodo".

E o que dizer diante de testemunhos que sustentam a imortalidade dos dinossauros? Na Escócia, como se tivesse saído da textura espessa do tempo, tem sido visto, com relativa frequência, desde o século VI, um *Plesiosaurus* nadando nas águas escuras e profundas do Lago Ness. Mito ou Realidade? Apesar das pesquisas realizadas pela Universidade de Birmingham e pelo Museu de História Natural de Londres, utilizando refinadas técnicas de rastreamento com sonar, até o momento não há comprovação da existência de "Nessie", como é carinhosamente conhecido o lendário "monstro" do Lago Ness. A ciência ainda persegue a resposta para esse inextricável mistério.

De uma coisa, entretanto, não se tem dúvida: os dinossauros são realmente fascinantes. Despertam o imaginário popular, encantam crianças e adultos, entusiasma os paleontólogos, excitam a imaginação criativa de romancistas, penetram no inconsciente, desafiando a interpretação de psicanalistas, e são ainda o maior orgulho dos museus de história natural.

Como se vê, esses seres fantásticos são o tipo ideal para a literatura de massa. Com aspectos draconianos e dimensões colossais, os dinossauros parecem saídos de um livro ou filme de ficção científica. Extintos há 65 milhões de anos, ainda espalham fascínio e terror.

Explorando com sensibilidade e talento um tema tão atraente, *O Parque dos Dinossauros* não corre o risco de passar despercebido. Ao contrário, contém a fórmula certa para ser um sucesso de vendas. Sem lançar mão do recurso tantas vezes utilizado das viagens no tempo, no estilo criado por H.G. Wells no século XIX, Crichton futuriza as possibilidades da pesquisa genética molecular e gera dinossauros por processo de clonagem através de reconstrução do DNA fóssil (Paleo-DNA). Para clonar os dinossauros, o autor imagina a obtenção da matéria-prima essencial da genética, o DNA (ácido desoxirribonucléico), a partir de insetos que no passado sugaram o sangue de dinossauros, e ainda se encontram preservados, aprisionados no âmbar - uma resina vegetal fóssil. O material genético antigo permite a recriação dos dinossauros. Algo assim, como produzir réplicas de seres de uma imaginada época remota. Trata-se, evidentemente, de uma fantasia engendrada pelo escritor. Todavia, em Berkeley, Califórnia, existe um Grupo de Estudos do DNA Extinto, cujas pesquisas, embora não tão ambiciosas, certamente influenciaram a criação dessa obra ficcional. Recentemente, cientistas do Museu Americano de História

dessa obra ficcional. Recentemente, cientistas do Museu Americano de História Natural, utilizando a técnica PCR (Reação em Cadeia de Polímeros), conseguiram isolar uma molécula de DNA de um ancestral do cupim com quarenta milhões de anos preservado no âmbar!... o começo do futuro. O livro é, assim, uma realidade inventada - uma ficção da realidade.

O Parque dos Dinossauros narra a estória de um velho e inescrupuloso magnata norte-americano (John Hammond), que, ambicionando lucros extraordinários, constrói um inusitado parque turístico numa ilha vulcânica - Isla Nublar (ilha Coberta de Nuvens) - no litoral pacífico da Costa Rica. A principal atração desse parque são dinossauros vivos: um zoológico mesozóico em uma floresta tropical úmida na América Central contemporânea. Mas, a despeito das requintadas tecnologias de controle, envolvendo sofisticados supercomputadores e técnicas revolucionárias da pesquisa genética molecular, a clonagem dos dinossauros escapa ao domínio dos seus idealizadores. Há uma mudança de situação inesperada. Os dinossauros rebelam-se. Um bestiário fantástico fica à solta. Eclode o caos no Parque Jurássico. Esses acontecimentos-chaves definem a macroestrutura do enredo.

De forma inovadora, o autor antecipa cada capítulo com *iterações** da Teoria do Caos, as quais, sem predizerem as ações subsequentes, geram expectativas. O personagem Ian Malcolm, um matemático-filósofo, acreditando que toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos ("instabilidades ocultas"), questiona o sucesso do audacioso empreendimento. Desse modo, pontua a narrativa com *iterações* que seqüenciam o percurso da ação: fios condutores que se devem tomar como avisos subjacentes.

A trama é inteligente e o estilo sem exibicionismos eruditos agrada, tendo em vista a opção narrativa de utilizar uma técnica que constrói a estória como se o autor movesse uma câmera em um filme. Não se deve esquecer que Crichton, além de roteirista (escreveu, inclusive, a partir do seu próprio livro, o roteiro para o filme de Spielberg), já foi diretor de cinema. Assim, a utilização dessa técnica, mais do que um recurso literário, responde a uma vocação do escritor-roteirista-diretor. Dentro desse princípio, é notável a descrição de seqüências que se iniciam, focalizando o cenário num Plano Geral (*long shot*), depois aproximando os personagens num Plano Médio (*plano americano*), e fixando-os em *close-up* para enfatizar detalhes e emprestar maior dramaticidade à cena. Outro excelente recurso cinematográfico utilizado é o do *insert*, i.e., o emprego de imagens rápidas que antecipam um acontecimento importante. O aparecimento, nas páginas iniciais do livro, de um voraz réptil bípede de pequenas dimensões - denominado "raptor" - fundamental para o desencadeamento do enredo, exemplifica o uso dessa técnica própria do cinema. Este *insert* opera como uma espécie de antecâmara da estória. A narrativa desenvolve-se como num filme feito com palavras, prendendo a atenção do leitor-espectador da primeira página-cena até a última linha.

Pode-se afirmar que *O Parque dos Dinossauros*, mais que uma visão imaginada de répteis do Período Jurássico, como prefigura o título original do livro, é

*Entende-se por iteração o processo de resolução de uma equação mediante uma seqüência de operações em que o objeto de cada uma é o resultado da que a precede.

períodos Triássico, Jurássico e Cretáceo. Desde os pacíficos comedores de plantas, até os rapaces carnívoros; sáurios imponentes de várias toneladas, até dinossauros pequenos como os coelhos atuais. O zoológico de Crichton contém *Hadrossauros*, *Maiassauros*, *Estegossauros*, *Triceratops*, *Procompsognatos*, *Pterossauros*, *Othnie- lia*, *Dilofossauros*, *Apatossauros* (geralmente, embora erroneamente conhecidos como *Brontossauros*), *Hypsilophodontes*, *Euoplocephalids*, *Estiracossauros*, *Microce- ratops*, *Velociraptores* e *Tiranossauros*. Dentre todos estes exóticos animais da Era dos Répteis, sobressaem, ao longo da narrativa, dois personagens marcantes: os pequenos, ágeis e saltitantes *velociroptares* - saqueadores algozes que caçavam em gangues de quatro e eram capazes de estripar as suas vítimas, sendo considerado como o mais inteligente entre os dinossauros. -, e o "rei dos lagartos terríveis", o *Tyrannosaurus rex*, o maior carnívoro que já pisou no solo do planeta.

O autor reprisa no livro a arqui-história da vilania e crueldade dos *Tyrannosaurus*. O gigantismo e o aspecto aterrador colocam esses animais como os grandes vilões da Idade dos Répteis, dentro do preceito maniqueísta de "bandido" e "mocinho" dos filmes de Hollywood. Na concepção de Crichton, o *T. rex* ressurgiu como se fosse um exterminador do futuro. A perseguição implacável, movida por um *Tyrannosaurus rex* a seres humanos no terço final do livro, configura este gigante de 15 metros de comprimento e oito toneladas de peso como um animal atormentado e ensandecido, impelido exclusivamente pelo desejo obsessivo de morte: um réptil insaciável, habitado pelo rancor e pelo ódio. Seguramente essa "monstruosidade" levou a imaginação humana a imputá-lo dos mais hediondos crimes. Foram estigmatizados como "os dragões da maldade". Uma injusta má reputação perdura no tempo e penetra fortemente na ficção. Essa postura não é senão um equívoco mas certamente um exagero. Como escreveu o paleontólogo Jean-Michel Mazin, "a imaginação humana nunca teve dificuldades de imaginar o pior". E o mal não é isento de atração, tanto assim que o *Tyrannosaurus rex* mereceu ser a figura de capa do livro. Os *T. rex* matavam, é verdade, mas, não pelo prazer sádico de conviver com sangue e morte. Interpretações recentes levantam a hipótese de que esses animais apenas caçavam as suas vítimas, como fazem hoje os leões com as zebras e antílopes na savana africana. A diferença é que os *T. rex* tinham estômago e apetite bem maiores. E não consta que os leões sejam considerados animais irados e ignóbeis. Pelo contrário, ostentam o pomposo título de "o rei dos animais", outorgado pelo ser que pretensiosamente se autodenominou de *Homo sapiens sapiens*. Alguns cientistas admitem que esses dinossauros tenham sido necrófagos (comedores de carniça), como as hienas atuais.

O estigma de "monstro" parece ter nascido quando, em 1842, o anatomista inglês Sir Richard Owen, para designá-los propôs à *British Society* o termo *Dinosauria* (do grego *deinós* = terrível + *sauros* = lagarto). Qual a razão da escolha desse nome? A cento e cinquenta anos de distância, resta-nos a interpretação. Talvez porque os ossos encontrados eram enormes, de gigantescas proporções se comparados com os das demais espécies répteis conhecidas até então. Mas, se esta foi a razão por que não conservar o termo *Megalosaurus* (lagarto grande) adotado vinte anos antes pelo neurologista James Parkinson, conhecido por ter descrito o Mal de Parkinson? Acreditamos que a opção de Owen pelo termo *deinós* = terrível tenha origens mais

profundas. O imaginário humano funda-se no pressuposto da proporção de tamanho (escala) do próprio homem como referência. Qualquer coisa muito maior que o homem é terrível, isto é, causa terror. Assim, a expressão *deinós* ao mesmo tempo que abriga o significado de *enorme*, *extraordinário*, *espantoso*, incorpora também a idéia de *terrificante*, *monstruoso*, *aquele que produz resultados mortais*. Dessa forma, os dinossauros, genericamente, entraram para a história como os "*lagartos terríveis*", ainda que em sua maioria fossem pacíficos herbívoros.

Se esta interpretação estiver correta, pode-se permitir uma interrogação perturbadora: Dinomania seria uma obsessão pelo terrível?

O *Parque dos Dinossauros* foi escrito para divertir e emocionar, e, enquanto diverte, é também capaz de instruir. Nesse sentido, é particularmente interessante o artifício de Crichton em servir-se de um fictício paleontólogo - o personagem Allan Grant - para introduzir no texto conhecimentos científicos sobre o mundo dos dinossauros. Descrições morfológicas, diversidade de hábitos de vida, comportamento comunitário, hábitos alimentares, e até rituais de acasalamento permeiam o romance, conferindo uma moldura de realidade à obra ficcional. Igualmente expressiva é a insistência do autor em mostrar similaridades entre dinossauros e pássaros. Pois, por mais estranho que pareça, os pássaros evoluíram dos dinossauros: são os seus principais descendentes vivos. Acompanhando conjecturas atuais, Crichton também ousa admitir a possibilidade de que alguns dinossauros tiveram "sangue quente". Este metabolismo, contrastando com o dos répteis vivos, retira dos dinossauros o comportamento de gigantes preguiçosos, inábeis e abobalhados como se costuma muitas vezes imaginar (o tempo ainda irá desfazer esses equívocos). Deve ser ainda ressaltada a correta descrição de inovações científicas da paleontologia, a exemplo das tecnologias de pesquisas de fósseis de vertebrados com a utilização de tomografia sônica, auxiliada por computadores. Do mesmo modo, são oportunas as inserções de conceitos da Teoria da Tectônica de Placas, revelando que, na época do aparecimento dos dinossauros, os continentes estavam agrupados em uma única massa de terra, o supercontinente Pangéia. Enquanto esses répteis evoluíam, Pangéia fragmentou-se, e os continentes começaram a individualizar-se e a derivar sobre o dorso do planeta. Surgiram, então, novos oceanos que fracionaram a "aldeia global" dos dinossauros. Há ainda referências ao fato de que, quando os dinossauros desapareceram da Terra, a cordilheira do Himalaia ainda não havia se formado. Naquele momento, a Índia, já desgarrada da África, vagava para norte e, somente milhões de anos mais tarde, iria colidir com o sudeste da Ásia para originar a cadeia intracontinental do Himalaia, a mais alta de todo o planeta.

Embora futurize a engenharia genética, o autor não resistiu a tentação de recriar mundos remotos. É como se a temporalidade do livro fosse o futuro do pretérito. O passado torna-se futuro, anulando os limites do tempo. Por esta razão, na obra imaginada por Crichton, é realizado um encontro inverossímil: homens e dinossauros. Uma coexistência que não poderia se realizar... a não ser na ficção científica, ponto de encontro entre ciência e ficção.

Apesar de ser uma obra ficcional, o ex-medico Crichton, ao prologar o livro, adverte sobre o perigo do uso descontrolado e ambicioso da engenharia genética:

"Os Estados Unidos ingressaram na era atômica através do trabalho de um único instituto de pesquisa, em Los Alamos. A entrada na era dos computadores resultou dos esforços de uma dúzia de empresas. Mas a pesquisa biotecnológica atual vem sendo conduzida em mais de dois mil laboratórios, somente naquele país. Quinhentas multinacionais gastam cinco bilhões de dólares por ano nessa área". Os riscos inequívocos do crescimento exponencial e nem sempre controlado da poderosa pesquisa genética: este é o *ethos* do livro de Crichton.

Esta pertinente preocupação evoca uma situação do passado recente. É impossível não pensar nas experiências médicas diabólicas realizadas com seres humanos em laboratórios nazistas, e mostradas com densidade no filme de Ingmar Bergman, de título reptiliano: O Ovo da Serpente.

Simbolicamente, no epílogo do livro, Crichton metaforiza o crepúsculo final dos dinossauros. Também vem do céu a megamorte. Com efeito, a descrição literária representa o destino dos dinossauros, quando, no final do Período Cretáceo, provavelmente um asteroide se precipitou sobre o que hoje é a península de Yucatán, no México, abrindo a megacraterra Chicxulub (180 km de diâmetro). Do impacto resultou uma nuvem de detritos com concentrações anômalas de irídio, que provocou um desastre ecológico de enormes proporções. Além dos dinossauros, desapareceram cerca de 70% das espécies que viviam na Terra.

Ao terminar a leitura percebe-se o significado premonitório de uma das epígrafes que abrem o livro. - "Não se pode recriar uma forma de vida extinta". (Uma citação do bioquímico austríaco Erwin Chargaff, precursor dos estudos sobre o DNA).

Não há dúvida de que o romance é criativo e o texto nos captura. Escrever sobre o *Parque dos Dinossauros* permitiu uma dupla felicidade: ler-escrever ao mesmo tempo.

Ao ler o livro de Michael Crichton, acentuam-se a curiosidade e a expectativa a respeito do filme de Steven Spielberg (lançamento previsto para julho de 1993) e seus fabulosos efeitos especiais. Uma equipe trabalha, desde maio de 90, utilizando modernos processos da informática para possibilitar a reconstituição dos dinossauros (robotizados) mais "reais" já produzidos para o cinema. Para um cineasta, cuja atração pelo não real é evidente e que prefere rodar filmes nos quais há profundos contrastes entre vítimas e predadores (*Tubarão*), e onde as forças contrárias são mais fortes que o herói (*E. T.*, *O Extraterrestre*, *Poltergeist*, *Contatos Imediatos do Terceiro grau*), o livro de Crichton satisfaz plenamente, e ainda oferece mais: a desenfreada ação típica da série *Indiana Jones*. Com tantos pontos comuns, nada é mais coerente, portanto, que um diretor de superproduções cinematográficas filmar essas superproduções da natureza.

Saídos da ficção, os dinossauros estão de volta. Mas, ao ler o livro e ver o filme, por via das dúvidas, tenham em mente um diálogo ocorrido em 1605, quando, na cena 1 do ato I, o Rei Lear, de Shakespeare, adverte o Conde de Kent: "*Come not between the dragon and his wrath*" (*Não te intrometas entre o dragão e a sua ira*).

A PROPÓSITO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NA UFBA

Neyde Maria Santos Gonçalves*

O Departamento de Geografia, como parte integrante de uma das Unidades mais dinâmicas da UFBA, em termos de produção científica - o Instituto de Geociências - pretende consolidar suas atividades de pesquisa e desenvolver o ensino de pós-graduação, com a instalação do Mestrado em Geografia a partir do ano letivo de 1994.

Embora possa parecer tardio, em relação aos demais departamentos do IGEO, considerando-se a relevância do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geofísica - Centro de Excelência Nacional - e o desenvolvimento de outras áreas como a Geologia e a Geoquímica que vêm se destacando pelas atividades de pesquisa vinculadas aos Cursos de Pós-Graduação existentes, o Departamento de Geografia apresenta peculiaridades distintas.

Enquanto cerca de setenta professores, distribuídos pelos três departamentos (Geoquímica, Geologia e Geofísica Aplicada, Sedimentologia) apoiam o Curso de Graduação em Geologia, os cursos de pós-graduação existentes e, mais recentemente, o curso de graduação em Geofísica (este último vinculado ao Departamento de Geologia e Geofísica Aplicada), o Departamento de Geografia conta com apenas vinte professores (dois dos quais recentemente contratados), tendo, sob a sua responsabilidade, os cursos de graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado); bem como disciplinas obrigatórias de outros cursos, com uma média semestral de 350 alunos, o que estabelece uma carga didática importante.

A atividade de pesquisa, embora bem mais modesta em relação aos grupos supracitados, sempre esteve presente, realizada, seja por pequenos grupos seja individualmente. Se na década de 70 houve participação de professores em trabalhos importantes do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Salvador⁽¹⁾, os anos 80 se destacaram pela produção individual de alguns professores, havendo, mais recentemente, certa dinamização com a publicação de livros, artigos, teses, relatórios, além da participação de vários docentes em reuniões científicas diversas.

Em termos de pós-graduação, a experiência do Departamento de Geografia respalda-se nos dois cursos de Especialização em Análise Espacial (com carga horária de 600 horas cada), realizados entre 1980/83, tendo, neste ano de 1992, integrado o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, com a responsabilidade da área de concentração em Análise Urbano Regional, que conta com cinco alunos matriculados e que deverá continuar até o próximo ano.

*Professora do Departamento de Geografia - IGEO/UFBA.

⁽¹⁾Projeto de Regionalização Administrativa do Estado da Bahia (SEPLANTEC, 1973) ATLAS DO ESTADO DA BAHIA (SEPLANTEC, 1976), e Estudos do Sítio Urbano de Salvador (PLAN-DURB/OCEPLAN, 1978), entre outros.

Ressalte-se, ainda, a participação de professores em outros cursos de pós-graduação, a exemplo do próprio Mestrado da FAUFBA (desde a sua instalação e, portanto, anteriormente à introdução da referida área de concentração), ao Mestrado e atual também Doutorado da Universidade Federal de Sergipe, ao Mestrado em Geociências deste Instituto e ao Mestrado em Produção Aquática do Instituto de Biologia da UFBA.

A qualificação docente do Departamento de Geografia é bastante expressiva, no âmbito do IGEO e da UFBA, de vez que a quase totalidade dos seus professores (90%) tem formação pós-graduada e/ou em via de realização e/ou conclusão de cursos de Mestrado e Doutorado. O Departamento conta, atualmente, com 07 doutores, 05 mestras, 02 DEA, 02 com especialização, 02 doutorandos e 03 mestrandos.

Este rápido perfil do Departamento de Geografia evidencia a sua capacitação para instalar o seu Mestrado no Instituto de Geociências que tem o incentivo e o apoio irrestrito do seu Diretor, Prof. Francisco José Gomes Mesquita, bem como da futura administração.

Considere-se, outrossim, que os esforços que deverão ser feitos para um melhor desempenho e qualificação dos cursos de graduação não enfraquecerão e/ou invalidarão aqueles que deverão ser dispendidos para a implantação do Mestrado. São atividades que se complementam e que possibilitarão uma nova "performance" no âmbito do IGEO e da comunidade científica, dinamizando o Departamento de Geografia, motivando-o e respaldando-o para reivindicar a aquisição e/ou melhoria de infraestrutura (espaço físico, equipamentos, pessoal docente e técnico-administrativo).

Acresça-se, ainda mais, as possibilidades de cooperação com professores franceses (caso o Acordo CAPES/COFECUB seja renovado) e com outras universidades nacionais e estrangeiras, a exemplo da USP, cujos contatos iniciais foram feitos pela Chefia do Departamento.

O projeto do Curso encontra-se em fase de elaboração, pretendendo-se encaminhá-lo à Direção do IGEO, até o final deste ano, para a tramitação normal junto aos Órgãos Superiores da UFBA.

Portanto, vontade e disposição são os ingredientes propulsores para a concretização deste objetivo, idealizado há tanto tempo.

NOTAS SOBRE O PERFIL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFBA

Iris Andréa Martins*
Barbara-Christine Nentwig Silva**

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de analisar questões referentes ao Curso de Geografia e ao perfil do estudante de Geografia da UFBA, foi aplicado, entre outubro e novembro de 1990, um questionário a 59% dos alunos que efetivamente freqüentam o Curso de Geografia da UFBA. Este questionário abordou assuntos relacionados à vida escolar, local de nascimento e residência, estado civil, idade e ocupações, assim como aspectos do Curso de Geografia e motivação do estudante, servindo de base a um estudo do perfil do aluno de Geografia da UFBA, sua distribuição espacial em Salvador e a influência regional do Curso.

Esta análise, ao lado de outros levantamentos diretos, pode contribuir para uma avaliação geral dos Cursos de Geografia da UFBA (Bacharelado e Licenciatura), fundamental para a elaboração de propostas de mudança.

2. RESULTADOS OBTIDOS

Mais da metade dos alunos resolveu fazer Geografia na UFBA porque tinha inclinação pela matéria no 2º Grau. Para alguns, Geografia significava a possibilidade de viajar muito e conhecer novos lugares, outros pretendiam fazer Oceanografia ou gostavam de desenhar. Por outro lado, muitos dos que passaram no Vestibular em 2ª e 3ª opções nem sabiam ao certo o significado do Curso mas escolheram-no por ser o "mais fácil" da área I. Destes, grande parte não deseja cursá-lo mas pretende prestar Vestibular para outros Cursos da área I. É difícil analisar se realmente esta grande aprovação em 2ª e 3ª opções interfere no aproveitamento dos estudantes: se, por um lado, os alunos candidatos aos demais cursos da área I estão melhor preparados, por outro, é provável que seja grande o desinteresse pelas disciplinas e conseqüente abandono do Curso. Há ainda uma parcela de estudantes que escolheu Geografia devido à menor concorrência no Vestibular. Notou-se também um percentual de alunos que não sabem porque optaram ou que nem escolheram o curso, já que outros fizeram suas inscrições no Vestibular. É importante ressaltar, então, que aqueles que optaram pelo Curso por afinidade (58%) não estavam considerando o fator econômico ou a facilidade de arranjar emprego, pois havia preferência pela Geografia, em geral, ou por suas áreas específicas.

*Bacharel em Geografia pela UFBA.

**Profa. Adjunta do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA.

A maioria dos estudantes cursa efetivamente Geografia porque tem afinidade com o Curso (75%), inclusive alguns de 2ª e 3ª opções. Cinco por cento gostariam de fazer outro Curso mais concorrido ou em outro Estado, e 1% estão decididos a abandoná-lo. Há um percentual significativo de alunos desinteressados pelo Curso (24%), isto é, que não estudam por gosto, mas motivados por outros interesses.

Quando questionados sobre a área da Geografia que lhes desperta maior interesse, 18% dos estudantes optaram pela Geografia Humana e 15% pela Geografia Física. Este registro ocorre, principalmente, nas turmas de 1989 e 1990, que ainda não haviam cursado disciplinas específicas mas somente gerais (tab.1). A Cartografia atrai um percentual elevado, apesar de ainda não ter sido cursada por uma parte significativa dos alunos. Estes optaram por terem inclinação para Arquitetura, ou porque gostam de desenhar. Urbanismo também conquista preferência, devido ao Mestrado em Arquitetura e Urbanismo que conta com a participação do Departamento de Geografia da UFBA.

O percentual dos que pretendem trabalhar em Geografia é alto, 83%, mas é interessante ressaltar que 35% dos alunos são realistas quanto ao campo de trabalho e pretendem lecionar, mesmo que esta não seja sua preferência (apenas 7% têm preferência pelo ensino). Como ocorreu anteriormente, Urbanismo atinge um percentual elevado (18%) como o segundo campo de trabalho a ser procurado pelos futuros geógrafos da UFBA, por ser o Mestrado mais acessível aos estudantes, não havendo necessidade de deslocarem-se para outras Universidades. Quase 9% dos alunos pretendem trabalhar com Meio-Ambiente, acompanhando a tendência atual de um maior apoio dos órgãos governamentais à área ligada à Ecologia. Apesar de ser a terceira na preferência dos estudantes, a Cartografia é a sexta área onde pretendem trabalhar, o que pode ser explicado devido à dificuldade em especializar-se (tab.1).

A maioria dos alunos (53%) ingressou com idade variando entre 19 e 22 anos. Na ocasião da pesquisa, 76% tinham de 21 a 30 anos. A média de idade de 26 anos demonstra que grande parte dos estudantes não consegue formar-se no tempo previsto de 4 anos. Este atraso em terminar o Curso é reflexo da dificuldade que a maioria tem em compatibilizar o horário de aula com o de trabalho. O não seguimento do fluxograma, a dupla opção por bacharelado e licenciatura e as disciplinas de pré-requisitos também são fatores que retardam a conclusão do Curso.

Apesar da média de idade em torno de 26 anos, há três vezes mais solteiros do que casados. Este elevado índice de solteiros deve-se, em parte, a uma significativa parcela de alunos que, apesar de serem separados ou viverem com um companheiro, consideram-se solteiros. Por outro lado, não permitindo aulas em um só turno, a Universidade pública dificulta o ingresso àqueles que trabalham, facilitando para os solteiros, que têm maior disponibilidade de conciliar o Curso com empregos de jornada mais flexível.

Cinquenta por cento dos estudantes desenvolvem, segundo a entrevista, atividades fora da Geografia. Destes, 12% fazem outras Faculdades (Ciências Contábeis, Comunicação Social, Construção Civil, Direito, Física, Pedagogia e Química) e 2% fazem Escola Técnica. O econômico é o fator principal que faz os alunos procura-

Tabela 1: Áreas preferidas pelos estudantes de geografia e em que esperam oportunidade de trabalho

Áreas	Área de preferência (%)	Área prevista de trabalho*
Geografia Humana	17,8	6,7
Geografia Física	14,7	6,0
Cartografia	9,9	5,4
Urbanismo	9,4	17,5
Educação	6,8	34,9
Meio-Ambiente	6,8	8,7
Geografia Econômica	5,2	1,3
Oceanografia	5,2	2,0
Planejamento	4,7	-
Geomorfologia	4,2	3,4
Climatologia	3,7	1,3
Geografia Agrária	3,1	1,3
Pedologia	2,6	2,0
Geologia	1,1	-
Teoria	1,1	0,7
Topografia	1,1	0,7
Turismo	1,1	0,7
Geografia Médica	0,5	0,7
Hidrografia	0,5	0,7
Pesquisa	0,5	4,0
Não sabe	-	2,0

* Estão incluídos apenas os 83% que pretendem trabalhar em Geografia.

NOTA: Os estudantes puderam optar por mais de uma área.

FONTE: Levantamento através de questionários, 1990.

rem emprego e Cursos em outras áreas, apesar de muitos o fazerem por afinidade. Dos que trabalham (61%), a maioria tem emprego fixo, fora da Geografia. Entre os que trabalham em indústrias e empresas, a maior parte fez curso profissionalizante. Trinta e sete por cento dos estudantes trabalham em Geografia, a maior parte em educação (28%). O serviço público e empresas privadas empregam, cada um, 14% dos alunos. Os 11% de autônomos incluem os que trabalham independentes, durante todo o ano ou apenas em períodos específicos, recebendo salários variáveis.

Em geral, o trabalho impede a plena dedicação dos estudantes à Universidade, pois é difícil conciliar os horários de aula com o trabalho, atrasando o Curso.

Não só o desinteresse dos alunos influi na situação atual do Curso de Geografia da UFBA. Mesmo com 32% de satisfeitos e 41% de indiferentes, todos os estudantes exceto um, sugeriram mudanças no Curso envolvendo questões relativas ao currículo, programa, corpo docente, horários, etc. A maioria também gostaria que o Curso fosse em apenas um turno ou que todas as disciplinas fossem ministradas nos três turnos, facilitando o estudo aos que trabalham.

Considerando o local de nascimento, 92% dos alunos nasceram em municípios baianos, destacando que, do total, 56% nasceram em Salvador.

Mais de 90% dos estudantes concluíram o 1º grau em escolas baianas, a maioria na rede pública (61%). É interessante ressaltar que nenhum aluno completou o 1º grau nas cidades limítrofes de Salvador. Provavelmente, estando próximos, preferiram optar pela capital, onde, teoricamente, o ensino é mais reforçado.

Dos 61% de alunos de Geografia que concluíram o 1º grau na capital, 65% estudaram em escolas públicas, distribuídas por 27 bairros soteropolitanos. Deve-se destacar que seis dos nove bairros em que a maioria dos alunos de Geografia finalizou o 1º grau estão próximos espacialmente, na porção mais central de Salvador, predominantemente de classe média.

Quase a totalidade dos estudantes de Geografia da UFBA concluiu o 2º grau na Bahia, ou seja, 97%. Deste total, 57% estudaram na rede pública, e mais de 70% fizeram cursos profissionalizantes. Para concluir o 2º grau, os alunos concentraram-se mais na região Nordeste e próximo ao Recôncavo. Comparativamente, os estudantes concluíram o 1º grau em 37 municípios baianos (incluindo Salvador), e o 2º grau em apenas 20 municípios baianos.

Mais de 80% dos alunos concluíram o 2º grau em Salvador, com 60% na rede pública e 70% fazendo cursos profissionalizantes. Nove dos treze bairros em que ocorrem os maiores registros de estudantes concluindo o 2º grau localizam-se na região mais central de Salvador. É interessante ressaltar que oito desses treze bairros estão também entre os nove maiores em conclusão do 1º grau. Prevalecem, ainda, os bairros de classe média.

Em Salvador, os estudantes de Geografia da UFBA residem em 50 bairros, principalmente de classe média, e na parte mais antiga da cidade. O Centro e arredores continuam concentrando a grande maioria dos alunos, havendo uma significativa diminuição diretamente proporcional à distância desta região. Brotas abriga o maior contingente de estudantes (22). Oito moram na Vitória, 7 na Federação, 6 no Cabula, Pituba e Boca do Rio, 5 em Amaralina, Graça e Lapinha e 4 na Barra, Imbuí, Liberdade e Pernambués.

Mesmo tendo família no interior do Estado, a grande maioria dos alunos tem residência fixa e pretende continuar morando em Salvador. Apenas 10% estão na capital em função da Universidade, morando em residência estudantil, com amigos, parentes ou sozinhos, o que não significa que irão mudar-se quando concluírem o Curso. Vale ressaltar que 13% dos estudantes não pretendem continuar morando em Salvador, enquanto 8% não sabem onde irão residir. O percentual de alunos

que vivem com os pais é pouco acima da metade, duas vezes maior que o dos que residem com seus cônjuges. A soma dos que moram sozinhos, com irmãos, amigos, filhos e em residência estudantil é equivalente à dos casados.

Assim, a análise efetuada permite afirmar, em resumo, que, no caso específico da graduação em Geografia, a influência regional do Curso de Geografia do Instituto de Geociências é bastante restrita, pois 82% dos estudantes concluíram o 2º grau em Salvador. Destes, 21% haviam terminado o 1º grau em outros municípios. Isto decorre, provavelmente, do interesse dos alunos em prepararem-se melhor na capital, visando o ingresso nas Instituições de Ensino Superior de Salvador. Este interesse pela admissão nas Faculdades não foi necessariamente pelo Curso de Geografia da UFBA, pois, apesar do percentual de 68% de ingressos em 1ª opção, isto não significa que os estudantes, em anos anteriores, não tenham tentado Vestibular para outros Cursos. Em relação ao 1º grau, além dos 56% de alunos nascidos na capital, mais 5% que nasceram em outros municípios, concluíram-no em Salvador. Ou seja, pode-se inferir que as escolas de 1º e 2º graus, apesar de serem serviços com limiar e alcance baixos (no 1º grau) e médios (no 2º), pois, teoricamente, são oferecidos em todos os municípios, em Salvador têm amplo alcance regional, visando o ingresso na Universidade, fazendo com que esta tenha um amplo raio de influência regional indireta, pois mais de 80% dos estudantes entrevistados terminaram o 2º grau em Salvador.

Apesar dos fatores adversos citados, mais de 70% dos alunos ainda cursam por afinidade, e mais de 80% pretendem trabalhar em Geografia. Visando uma maior motivação ao Curso e aos estudantes interessados, poderiam ser estimuladas - através de cursos, pós-graduação, palestras, seminários, etc. - as áreas de preferência dos alunos, como Cartografia, Urbanismo, Educação, Meio Ambiente, Geografia Econômica e Oceanografia. Os aspectos sugeridos pelos estudantes para serem reestruturados, como o quadro de professores, currículo, metodologia, programas, aulas noturnas, em apenas um turno ou horário mais flexível, também devem ser analisados pela Universidade.

3. CONCLUSÃO

A Universidade brasileira está em processo de mudança, necessitando, cada vez mais, adequar com eficiência as relações de seu *plano interno* (estrutura e funcionamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão) com o *plano externo* (as demandas da sociedade como um todo). Para tanto, levantamentos deste tipo (perfil do alunado, do corpo docente e dos egressos, etc.) são extremamente importantes na medida em que fornecem subsídios para a discussão e implementação de novas estratégias de atuação.

Carminha Suzart*

A gravíssima crise política do governo Collor colocou novos desafios e abriu novas possibilidades para a luta pelo socialismo no Brasil.

Afinal, a eleição do Sr. Collor de Mello foi produto da mais ampla coligação das classes dominantes para barrar o candidato dos oprimidos e explorados. Para barrá-lo, os poderosos gastaram fortunas, manipularam, trambicaram e fraudaram aquelas eleições. Depois, utilizando a pretensa "legitimidade", assim obtida, lançaram-se a fazer o contrário do que haviam anunciado.

Saquear a poupança popular, destruir a estabilidade dos funcionários, privatizar as estatais, arrochar como nunca os salários, esmagar os Sem-Terra e destruir a Universidade. Retirar, inclusive, as poucas conquistas e garantias inscritas na Constituição conservadora de 1988.

Para realizar este objetivo, contudo, não tinham a força necessária para derrotar os trabalhadores cuja organização cresceu muito nos anos 80. Desde o princípio, Collor enfrentou uma resistência. Avanços em alguns pontos, noutros não.

Assim o desgaste foi crescendo, as denúncias de corrupção se sucedendo até explodir em maio/junho nas revelações apuradas pela CPI no Congresso Nacional. É pouco falar de mar de lama! corrupção, tráfico, roubo, favorecimento, traição, chantagem.

Para nós, toda a sujeira, a decadência e a degeneração desse governo, envolvendo as classes dominantes e suas instituições, que assistiram, impassivas, por mais de dois anos à generalização dessa bandalheira, tudo isso confirma a nossa convicção. *A burguesia e o imperialismo não têm nenhum futuro a oferecer a humanidade. Tudo depende da capacidade da classe trabalhadora tomar em mãos seu próprio futuro e assim abrir uma perspectiva para a humanidade.*

Ao seu modo, Collor também sabia disso. Por isso, veio tentando superar essa situação, pela regra encomendada por seu patrão, o FMI, que é o "tripartismo". Collor sabia que seu governo dependia cada vez mais de algum tipo de "união nacional". Isto é, de associar ao governo os partidos de oposição, em particular os socialistas: esta é a exigência de "modernidade" deste capitalismo de fim de século. Todo o contrário da democracia.

Uma expressão desse tripartismo são as Câmaras Setoriais: através delas tentam, simplesmente, acabar com um dos direitos democráticos elementares que é o direito à independência do sindicato. Pois os dirigentes sindicais agora são convidados a discutir com o governo e o patrão os preços das mercadorias, as planilhas de custos, para assegurar a competitividade de sua empresa, de seu setor, quer dizer do seu patrão. E assim, chamados a convencer os trabalhadores a aceitar certas demissões, moderar a reivindicação salarial, tudo para salvar sua fábrica, seu setor, ou seja seu patrão.

*Servidora Técnico-Administrativo do Instituto de Geociências da UFBA.

O movimento que houve, os comícios, atos e manifestações colocaram um só problema para quem sabe que os problemas nacionais não têm solução sem a interrupção do pagamento da dívida externa, da garantia de salários decentes, da reforma agrária, e da defesa das estatais. O movimento apontou para a necessidade de um outro governo que execute outra política apoiada em outras instituições, de acordo com a soberania popular democraticamente manifestada.

A queda de Collor da Presidência foi produto da ação revolucionária das massas. Foi uma derrota do imperialismo, pois afastou um digno representante das políticas de "ajuste" do FMI e *uma vitória das massas.*

As manifestações de milhões puxadas pela juventude foram a resposta do povo brasileiro a uma política que ninguém mais aguenta.

Itamar assume um governo fraco. Para a burguesia, era o mal menor, pois o outro já não tinha qualquer condição de executar seus planos. Como Collor, Itamar também depende de "uma união nacional" que até agora não conseguiu. Ele tem origem na mesma fraude eleitoral de 89 embora exista alguma expectativa que ele tenta cativar com uma retórica nacionalista. Só que ele e seus ministros representam e anunciam a continuidade da política anterior: o calendário da privatização, o acordo com o FMI, o ajuste Fiscal. Rapidamente todo o povo verá de que governo se trata.

Os partidos comprometidos com os anseios da sociedade, a CUT, Sindicatos, devem neste momento, apresentar a Itamar e à sociedade *uma Plataforma de Emergência.* Entre estes pontos estariam:

- Convocação de Eleições Presidenciais em 90 dias
- Reajuste Mensal dos Salários pelo Dieese
- Assentamento imediato dos Sem-Terra acampados
- Suspensão das privatizações e do acordo com o FMI
- Alocação de verbas para a Educação
- Congelamento das Mensalidades das Escolas Pagas
- Bloqueio dos bens e fundos dos acusados na CPI

É o povo quem deve decidir. Instalado um governo eleito, a solução para os problemas nacionais poderia começar a ser debatida conforme a democracia. Isto é através de uma Assembléia Constituinte Soberana.

Engana-se quem acha que o povo saiu às ruas para voltar para casa de mãos abanando. *Nas ruas obtivemos uma primeira vitória. Novas Vitórias virão até o triunfo da vontade popular.*

Charbel Niño El-Hani*

Eu te aguardo, meu pai, para exumar tua lembrança na febre dos cordeiros.

Na planície despida de construções - as vestes dos doentes ficaram para trás - asas se erguem sem ruído e espalham nuvens de prata entre sonhos de árvores. Eu te aguardo, meu pai, para dissecar tua lembrança...

(Trazido pelas mãos da mulher, o menino se perde nos corredores escuros)

O mar está solto no caminho de cascalhos - as portas do sanatório se abriram, orvalho, e os doentes se derramaram pelos vales, e correram, doentes desnudos, plenos de vulto, pela horizontalidade dos campos verticais. Nuvens de tosse cobriram toda a planície, ó escuro, escuro, escuro, asas se erguem defloradas de vício, ó escuro, escuro, minha vida despetalada em gritos.

(Trazido pelas mãos da mulher, o menino mergulha em perdas que se repetem - as mãos lentas percorrem o corpo, em abstinência. Os corredores dissimulam labirintos e tremem muito de leve, agitação imperceptível, mergulha, mergulha em perdas que se repetem - as mãos lentas gravam carícias na pele do abismo. Saciado de labirintos, o menino aprende a dor do aprendizado, mergulha, mergulha em perdas que se repetem. Trazido pelas mãos da mulher, amanhã terá esquecido o carinho de haver portas, caminhará através de retas e subterrâneas galerias que desaguam em câmaras circulares e repetidas, apenas para de novo encontrar as mesmas retas e subterrâneas galerias, que desaguam nas mesmas câmaras circulares e repetidas - asas se erguem entre nuvens de prata, e conspiram, num alvoroço de águas. Amanhã, restará apenas a onnipresença dos corredores - as mãos lentas retiram do corpo do santo o sudário da abstinência, doentes de delírio).

Eu te vejo, ó meu pai, cada vez mais próximo, com as ferramentas do martírio. O céu queima de leve, cada vez mais próximo, com as ferramentas do martírio. Em suas bordas (...) o céu é um retalho de água e luz, ó martírio, martírio, martírio...

Ano após ano, as cerzideiras tecem e destecem a assombrosa mortalha. Esperam o incrível, o morto. Não sabem de onde ele virá, nem quando, mas o esperam, o incrível Morto, enquanto tecem e destecem a assombrosa mortalha. Âncoras descem, sem rumor possível, (tecem e destecem a assombrosa mortalha) e atam as asas, febris de precipícios. As portas do sanatório se abriram, santuário, e se os doentes correm desnudos, pelos campos que sobem, desnudos (nuvens de prata em seu sonho de formas), é porque recolheram todas as roupas quando eles aqui chegaram, em anos que variam, e deslizam no oratório de paredes sujas. Os fios retirados das roupas - os doentes correm, maravilhosamente desnudos, na horizontalidade dos campos que sobem - foram entregues às cerzideiras; mãos encardidas afloraram dos hábitos, oratórios de paredes sujas, e nutriram de cio a mortalha do incrível, e excitaram o vento e conjuraram o frio, para que a terra renascesse em pranto, e poderoso

*Professor do Instituto de Biologia da UFBA

de águas, viesse o tempo do plantio. Há uma estação, meu pai, para conhecermos o gosto da terra, diálogo com a persistência do vazio; e outras horas existem, ó escuro, martírio, martírio, para que retiremos os frutos das videiras, diálogo com a persistência do vazio.

(Esquecido do carinho de haver portas, esquecido do carinho, na sala lavada de luzes o menino sopra, sopra, e sopra - as mãos lentas limpam o oceano de arestas e apenas o silêncio resta, na simetria de ventos, ascensão e declínio do altar; diante da estátua consumida de flautas, o menino se ajoelha e se torna santo, dolorido contracanto para as mãos que tecem o vento, e lentas de abismos vestem o tempo com o perfume derradeiro dos sinos e a tempestade que se torna oração - A imagem, inchada de roupas e delírio, cai da vertigem que se fez altar, e no chão se espedaça, ao contato das mãos lentas, e a tempestade se torna oração. Antes de ver qualquer coisa, esquecido do carinho de haver portas, antes mesmo de ver o incrível Padre de olhos azuis, esquecido, esquecido do carinho, o menino se cobre de encanto no coral dos anjos - as crianças quando morrem se tornam anjos... Na sala lavada de luzes, simetria de ventos, as cerzideiras tecem com o menino e sua pele camisas de força, e vestem as crianças desencantadas do coral, e a tempestade se torna oração. Diante da estátua exausta de salas, o menino se ajoelha e canta, e veste o santo em seu corpo malsão - as mãos lentas limpam no corpo do santo séculos de abstinência, esculpindo um sonho barroco no som surdo do temporal).

Eu te aguardo, meu pai, e sou a música da tempestade; faço do céu uma flor de fogo, ó escuro, escuro, escuro, e na proximidade das arestas procuro o que restou da viscosidade dos muros. Senhor eu não sou digno sei que não sou digno Senhor... mas... disse somente uma palavra... na febre dos cordeiros, disse somente uma palavra...

Choveu com lentidão poderosa no cascalho do caminho (hoje as ondas chegarão carregadas de corpos), as portas do sanatório se abriram, parto, e os doentes se derramaram pelos vales, parto (as ondas hoje chegarão amarelas, carregadas de corpos), todo orvalhado de doentes o campo, e abençoado de flores pálidas, coberto de câncer e de cancro, abençoado de flores pálidas, um sonho de árvores (nuvem de tosse) encontra sua dança na ausência de vestes. As mulheres de hábito azul (encontram sua doença na ausência de vestes) percorrem oceanos de mármore, e seduzidas por pilastras e altares, espalham o incenso dos meninos (foram pacificadas pela aceitação da ferida, águas de pátios e pilares). Asas, entre nuvens de árvores, se levantam sem ruído. A carne se acalma, as feridas estão lavadas (limpo de abstinência o corpo do santo), e a fome e a sede afinal saciadas (asas, entre nuvens de árvores, se levantam sem ruído). Tomados por alegria ancestral, os doentes encenam a dança na intimidade do temporal, orgia dos sentidos. A chuva limpa as feridas, poderosa de lentidão e idade (ressurreição silenciosa de asas, as ondas chegarão alimentadas, cornos deflorados de águas, pátio de altares e pilastras, pacificado pela aceitação da ferida). As aves procuram a fuga no movimento da Grande Ogiva, e enlouquecidas de azul e partida, perduram na monotonia dos olhos (seus corpos agora são desflores, despidos das vestes de cores). Ressurgindo dos pântanos, e cíclicas, se perdem no ventre do temporal, não sabem que no pátio de infinito e

pilastras, a Arte da Fuga se fez de todo escassa (as portas do sanatório se abrem, e os doentes se derramam pelos vales, águas de claustros e lupanares); escorrendo das candeias, a luz vem se deitar sobre o lunário, e meus olhos bebem do hálito do fogo, enquanto comem do prato de meus dias (há uma estação em todo calendário para que as ninfas floresçam nos limbos); neste tempo de nossas vidas, o céu procria oceanos de orvalho, e uma música de grandes feridas, e as mulheres de hálito azul (encontram sua dança na ausência de vestes) deslizam pelos pátios de águas e altares, e espalham o incesto dos meninos, belo como o crepúsculo destes dias, maduros de fugacidade (ó meu povo, que te fiz eu)).

Eu te aguardo, meu pai, disperso em retalhos de água e luz... Eu te vejo, cada vez mais próximo, descendo pelos campos que sobem, com as ferramentas do martírio, eu te vejo, meu pai, meu pai, machucado de aceitação, ó martírio, martírio, martírio...

(A sala lavada de luzes - após os sentidos - se redime nos olhos do menino, e ele sopra através da sacristia - música de sonho irrompe entre sinos. As freiras sonolentas - por sobre os altares florescem lágrimas - carregam os filhos mortos nos corredores contíguos. Vestido com as roupas do hospício - o mar está solto nos corredores contíguos -, o menino canta, dolorida contrafuga para os espaços invertidos. A vertigem se faz altar, e os olhos do menino - as freiras carregam a agonia dos sinos - percorrem o aposento onde dorme o corpo do Incrível. Espelhos dentro de espelhos - oceanos de mármore -, o coral dos filhos mortos deflora o corpo do menino, soterrado de cadências e consumido de vícios, música de sonho irrompe - oceano de hábitos - nos olhos tardos do abismo - as mãos lentas percorrem o corpo, arruinado de carícias. As aves, enfurecidas de prata derramada - o céu se cobre de línguas de fogo -, encontram os olhos cegos do Incrível Padre azul, e os perfuram uma, e duas, e três vezes, e procriam em feridas os olhos do menino - libertam as mães que são a existência da manhã. A sala lavada de luzes - o musgo cresce no corpo do santo banido -, carente de teto, encoberta por nuvens - a chuva lenta traz uma solidão irreprimível -, é uma outra espécie de labirinto - e a tempestade se torna oração. O mar penetrou no corpo nu da criança - ó escuro, martírio, escuro, escuro, que a tempestade se torne oração!)

Eu te aguardo, meu pai, entre cílios dourados, para a marcha triunfal.

A CAMPANHA "VIDRO PARA A VIDA" E SEUS DESDOBRAMENTOS

Regina Celeste de A. Souza*

Inegavelmente, a Campanha "VIDRO PARA A VIDA", concebida e promovida pelo Programa Companheiros das Américas, Comitê Bahia/Pennsylvania, em prol do Hospital Aristides Maltez, contando com o apoio do Instituto de Geociências desta Universidade Federal da Bahia que serviu como Área Piloto, teve um efeito sinérgico de grande magnitude. Da Universidade para a comunidade, esta Campanha extrapolou os limites da cidade de Salvador, da Região Metropolitana, tendo repercussões em todo o Estado da Bahia e mesmo fora dele.

Quadro 01 - Evolução da Campanha "Vidro para a Vida"
(Período : nov./1991 - set./1992)

M Ê S	Total de vidro vendido - quilo -	Total acumulado	Crescimento mensal (%)
Fevereiro	9.000	9.000	—
Março	30.450	39.450	238
Abril	26.780	66.230	-25
Maiο	42.320	108.550	57
Junho	61.110	169.660	30
Julho	79.680	249.340	30
Agosto	140.930	390.270	70
Setembro	185.970	576.240	31
Total	576.240	—	—

Fonte : Companhia Industrial de Vidros da Bahia - C/V - Demonstrativo Mensal

Da primeira comercialização realizada, no mês de fevereiro do corrente ano até o mês de setembro próximo passado, tivemos um aumento extraordinário, como pode ser observado no Quadro no. 01, com dados fornecidos pela C. I. V. (Companhia Industrial de Vidro, compradora desse material).

A estimativa para o mês de outubro é que ultrapassemos os 700.000 quilos ou 700 toneladas, que correspondem a mais de Cr\$ 200.000.000,00 (duzentos milhões de cruzeiros), mais de US\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil dólares).

A partir da milésima tonelada que será alcançada, possivelmente até o final do mês de novembro, pretende-se utilizar o montante arrecadado em dinheiro, para a reposição de equipamentos, para quimioterápicos, ou mesmo, para a reposição

*Professora do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA; Coordenadora da Coordenadoria de Administração de Recursos Naturais, do Programa Companheiros das Américas - Comitê Bahia/ Pennsylvania.

de todos os leitos daquele Hospital. Como se pode constatar, a Campanha está crescendo numa projeção geométrica e seus resultados serão empregados para as prioridades daquela Instituição. A Campanha cresceu e sensibilizou a comunidade por razões muito simples, que foram, igualmente, seus objetivos:

Em primeiro lugar, atingiu a consciência de muitas pessoas, mostrando-lhes o desperdício do lixo urbano, evidenciando ao mesmo tempo que, com tão pouco se pode fazer tanta coisa. A Campanha procurou conscientizar a comunidade, no sentido de que ela deve colocar no lixo, aquilo que é lixo, o imprestável. E com relação ao VIDRO, não deve ir para o lixo, simplesmente, porque ele não é *lixo*, é *matéria-prima*.

A Campanha procurou despertar a consciência ecológica da população, mostrando que o processo da Reciclagem, embora não resolva o problema do destino do lixo urbano, pelo menos, minimiza-o; diminui-se a quantidade de lixo que vai para os aterros sanitários, aumentando-lhes a vida útil. Enfim, a Campanha tem contribuído com a filosofia do AGIR LOCALMENTE, PENSANDO GLOBALMENTE, numa busca da administração racional dos recursos naturais.

O terceiro grande objetivo, que foi o beneficente, produziu um enorme apelo ao espírito de solidariedade, ao qual a comunidade soube corresponder de forma sensível e comovente.

Esta reação positiva foi de tal importância, que a Rede de Supermercados Paes Mendonça (primeira a se engajar na Campanha e dar-lhe um grande suporte) teve que ampliar de 14 para 27, o número de lojas para o recebimento das doações de vidros, isto é, praticamente todas as suas lojas. Não dispomos dos dados totais, discriminados por estabelecimento, no entanto, podemos afirmar que os "containers" cedidos à Campanha pela Empresa C. I. V., são preenchidos com grande rapidez, sendo recolhidos na maior parte destas lojas, duas vezes por semana. Podemos ressaltar que, dentre elas, as do Chame-Chame, Canela, Hiper Garibaldi e Unimar do Rio Vermelho, tem-se mantido na liderança, com um ritmo de doações bastante elevado.

O comportamento destas últimas lojas, refletindo o conteúdo dos bairros onde elas se encontram localizadas, ou seja, áreas de alto poder aquisitivo, é contrabalançado pelas doações coletivas, provenientes de Associações de Bairros ou outras Instituições ou Grupos, de bairros extremamente pobres. Já se detectou, inclusive, que inúmeras pessoas que não "produzem" o vidro, caçam-no em alguns depósitos de lixo, para fazerem as suas doações à Campanha.

Se comparada a eventos similares, espalhados pelo Brasil, nota-se que a Campanha "VIDRO PARA A VIDA" tem algumas peculiaridades, que devem ser assinaladas:

1. Ao contrário do que tem ocorrido em outras capitais ou em outras localidades, aqui em Salvador tem havido uma participação muito expressiva dos bairros de baixa renda, como já foi evidenciado anteriormente.
2. A ampla receptividade na rede escolar, que incorporou em quase todas as gincanas promovidas durante este ano (num total de 53 até o mês de setembro),

a "tarefa" da *doação de vidros para o H. A. M.* A força da juventude, que além de ser bonita é contagiante, superou as grandes preocupações dos diretores e de alguns professores de Colégios, que temiam acidentes com o material, agressões, etc. Nada disso se verificou, tendo os eventos decorridos em clima descontraído e ao mesmo tempo solidário.

3. Dado ao caráter espontâneo das doações e ao fato delas "brotarem" simultaneamente, em todos os cantos da cidade: de Itapagipe a Itapuã, de Ondina a Cajazeiras, Suburbana, etc., verifica-se a grande dificuldade com o transporte ou com os "apanhas", como se costuma falar.

Ressaltamos este fato, para mostrar que a despeito da grandeza da espontaneidade, há perigo de inviabilização da CAMPANHA, porque as pessoas que assim procedem, não se dão conta das distâncias da cidade, daí a dificuldade de se atender a todas as chamadas telefônicas que solicitam transportes para o encaminhamento de suas doações. A comunidade deve aos poucos, assimilar a idéia de separar e doar o vidro, mesmo que a quantidade seja pequena. Nos pontos de coleta, que somam atualmente 93 (noventa e três) pontos fixos e consolidados, são recebidas todas as doações, grandes ou pequenas.

4. O tripé em que se baseou a Campanha "VIDRO PARA A VIDA", ou seja: a educação ambiental/a consciência ecológica/o caráter beneficente, foi sustentado pelo apoio maciço da mídia local, a partir da articulação inicial da Coordenadoria de Jornalismo do Programa Companheiros das Américas e as peças publicitárias elaboradas gratuitamente pela Empresa SLA Propaganda, nos meses de fevereiro a maio do corrente ano. A partir de junho, juntou-se à esta Campanha, a empresa de publicidade PROPEG. Se as Emissoras de TV e os jornais locais tiveram um papel importantíssimo com inúmeras entrevistas, onde se repetiu várias vezes os objetivos da Campanha, as peças produzidas pela PROPEG para os *out-doors*, jornais e sobretudo a propaganda na televisão e rádio que, aliás, lhe valeu o Prêmio de Produção Brasil, à nível nacional, foram fundamentais para a sensibilização da comunidade.

Por outro lado, várias formas de divulgação surgiram em diversos pontos da cidade, dentre as quais, destacamos:

- O Movimento Cultural Cantina da Lua, que lidera o Centro Histórico de Salvador (Pelourinho, Terreiro, Praça da Sé e adjacências), aderiu à Campanha desde os meados de fevereiro, juntamente com 16 Associações daquela área, fazendo a divulgação diariamente nos *shows* que são realizados no Bar Cantina da Lua. Várias doações já foram encaminhadas por Kombis para o Hospital.
- O movimento Leigo em louvor à Padroeira (um funcionário aposentado e devoto de N. Senhora, juntamente com um pequeno grupo), imprimiu 36.000 (trinta e seis mil) panfletos, divulgando a Campanha em diversas ocasiões (missas, procissões, caminhadas) e sobretudo em condomínios e escolas, o que gerou vários pontos de coleta.

- Bastante criativa foi igualmente a idéia de uma funcionária do Juizado de Menores - a Tia Yeda - que conseguiu de alguns cinemas da cidade, uma Sessão especial, todos os domingos às 10:00 h, gratuitamente, durante três meses, sendo que, para o ingresso, as crianças e acompanhantes deveriam trazer garrafas ou frascos de vidro. Nas duas primeiras sessões realizadas no mês de abril, no cine Excelsior, obtivemos mais de 10 (dez) sacos de 200 (duzentos) litros de vidro. É importante ressaltar também que foi conseguida a impressão de muitos panfletos para a divulgação dos filmes e de ônibus para o transporte de crianças de bairros periféricos.
- A colaboração da FACCEBA na impressão e divulgação de mil cartazes.

AS REPERCUSSÕES NO IGEO/UFBA

Inicialmente modesta, foi aos poucos se difundindo entre professores, alunos e funcionários, cuja participação além das doações, se faz através da divulgação em murais, em boletins informativos dos Diretórios Acadêmicos, movimento que também se estendeu às unidades vizinhas como Arquitetura, Politécnica, Matemática, C. R. H., dentre outras, fazendo com que os tonéis, colocados na entrada do Instituto de Geociências, se encham a cada vez, num ritmo mais dinâmico.

Por outro lado, temos observado o interesse para a problemática do Lixo Urbano e da Reciclagem, como uma das alternativas para o destino dos resíduos sólidos. Isto tem mobilizado muitos estudantes, que até então pouca atenção davam a este tema. Só no Curso de Geografia 09 (nove) pequenos trabalhos foram elaborados, nessa linha, com o objetivo de fazer-se a ligação entre a Universidade e a Comunidade, a exemplo da Cartilha sobre "Reciclagem do Papel" preparada por alunos de Administração, do Curso de Geografia Econômica, voltada para Escolas de 1o. e 2o. Grau. Pretende-se apresentar esse material durante a "Jornada Sobre o Livro Didático", promovida pelo Departamento de Geografia e Secretaria de Educação, que será realizada no próximo mês de novembro, no IGEO. Há também uma proposta de "Reciclagem de Papel nas Empresas" voltada para empresas particulares e bancos. Essa proposta poderia ser igualmente testada em instituições públicas, grandes geradoras de papel, como as Universidades, sobretudo os núcleos que trabalham com computadores. Uma outra proposta interessante foi feita e está amadurecendo, para a "Reciclagem do Lixo Doméstico, no Condomínio Piatã", com muita receptividade por parte dos condôminos daquele local. Há também um estudo sobre as "Repercussões da Coleta Seletiva", recentemente implantada em Salvador, no Bairro de Itaipara, e que fornecerá, seguramente, muitos subsídios à Empresa de Limpeza Urbana de Salvador, LIMPURB.

Marco de grande importância, foi a "Mesa Redonda Sobre Reciclagem do Vidro", promovida pelo Programa Companheiros das Américas, Comitê Bahia/Pennsylvania, através da Coordenadoria e Administração de Recursos Naturais e pelo Instituto de Geociências da UFBA. Esse primeiro evento cultural, contando com total apoio do Departamento de Geografia e da Direção do Instituto, foi realizado em 08 de abril do corrente ano, no próprio IGEO e contou com representantes

da Secretaria de Minas e Energia. da C. I. V., do HAM, da Liga Baiana Contra o Câncer, da LIMPURB, da LIMPEC e da Associação Técnica Brasileira da Indústria Automática do Vidro - ATBIAV (atual ABVIDRO), vários professores e alunos do IGEO.

As exposições sobre "As disponibilidades de matérias-primas no Estado da Bahia para a indústria do vidro", feitas pelo Prof. Délio Pinheiro e a "Reciclagem nos países industrializados - enfoque para o vidro", do Prof. Arno Brichta, foram extremamente elucidativas, bem como a "Política da Coleta Seletiva em Salvador", que foi explicitada pelo Presidente da LIMPURB, Dr. Ivan Durão, discorrendo sobre as dificuldades encontradas e as perspectivas de ampliação do programa, para outros bairros.

O evento foi sonorizado gentilmente pelo EXPOGEO. Foi também registrado em vídeo, encontrando-se este último à disposição dos interessados no Departamento de Geografia, podendo servir para a ilustração de palestras ou debates. Além do conteúdo informativo desta Mesa Redonda, sobre diversos aspectos como o processo de fabricação do vidro e os problemas operacionais de uma indústria desse gênero, sobre o desenvolvimento da Campanha, seus objetivos e repercussões, sobre as atividades e necessidades da Instituição beneficiada - o H. A. M., podemos ressaltar algum pontos altamente positivos:

- A concessão, pela LIMPURB, de 5 (cinco) bolsas para estágio, para estudantes de Geografia, interessados em Reciclagem. Os alunos foram indicados, selecionados e se encontram trabalhando.
- O compromisso da LIMPURB, de doar ao Hospital Aristides Maltês, o vidro coletado pelo Programa LIXO ÚTIL, na Coleta Seletiva de Salvador.
- A promessa de doação, por parte da LIMPEC (Camaçari), do vidro coletado na coleta seletiva daquela cidade, o que se verificou na semana seguinte ao evento.

CONCLUSÕES

Pelo que foi mostrado, numa breve avaliação, os efeitos da Campanha "VIDRO PARA A VIDA", para a Universidade, foram extremamente positivos, uma vez que a consolidaram como "locus" de divulgação de novas idéias.

Entendida desta forma, a Campanha tem tido um grande mérito de estimular a curiosidade científica para um tema - O DESTINO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS - , até então pouco investigado, entre nós.

Este Programa, com esta Coordenadoria, proporcionaram uma maior e benéfica integração entre a Universidade e a Comunidade, num verdadeiro trabalho de Extensão.

Além do mais, vemos também:

- Uma tendência, à médio prazo, para o reaquecimento da indústria vidreira, na Bahia, cujo representante maior, a C. I. V., encontrava-se parcialmente

desativada, desde 1990, escoando todo esse nosso vidro para a sua matriz em Pernambuco.

- A conscientização da comunidade de que o "lixo" tem valor econômico e que o seu destino final deve ser repensado.
- A motivação, em vários níveis, para a abertura de pequenas atividades, de várias micro-empresas ligadas à Reciclagem.
- Forte possibilidade do exemplo da Bahia ser seguido como um modelo que obteve sucesso, por outros Comitês espalhados por todo o Brasil, voltando-se igualmente para Centros Oncológicos do país.

E para finalizar, vemos como o maior legado desta Campanha, a grande SOLIDARIEDADE desencadeada, tendo como pano de fundo, seja a cruzada contra o CÂNCER, seja a LUTA PELA VIDA, no seu sentido mais AMPLO.

NOTÍCIAS

IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DE
INFORMÁTICA: UM MARCO NA
ADMINISTRAÇÃO DO INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS

O ano de 1992 assinalou a concretização de uma das mais significativas metas da atual administração do Instituto de Geociências: a implantação de um moderno sistema automatizado de informações.

Esta iniciativa merece referência especial, tendo em vista que modificará profundamente os processos de armazenamento, processamento e disseminação de informações, além de propiciar a modernização das atividades de apoio. Sem dúvida, um marco administrativo, na medida em que dota uma das maiores e mais importantes unidades da UFBA dos meios necessários para o desenvolvimento mais ágil e eficiente de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Este ambicioso programa foi iniciado com a implantação do Projeto de Informatização do Departamento de Geoquímica. A melhoria operacional experimentada por esse departamento, motivou a Direção do IGEO a estender essa modernização aos demais setores, abrangendo os demais Departamentos (Geografia, Sedimentologia, e Geologia e Geofísica Aplicada), Colegiados dos Cursos de Graduação em Geologia e Geografia, Biblioteca, Centro de Extensão - CE-GEO, e Secretaria Geral, além de consolidar o Laboratório de Informática do IGEO. Operando por microcomputadores AT-286, todo o sistema foi interligado em rede a um microcomputador de maior capacidade de memória. No momento, viabiliza-se a interligação do Sistema de Informática do Geociências ao computador IBM 3090 do Centro de Processamento de Dados da UFBA.

Em dois setores a implantação desse sistema reveste-se de importância fundamental, pelas repercussões que, seguramente, irá produzir ao longo dos anos:

Laboratório de Informática - sob a Coordenação do Prof. Hailton Mello, esse laboratório contava, até o momento, com um microcomputador PC-XT e dois microcomputadores, tipo junior (8 bites) e uma impressora de 180 cps. Com a implantação do novo sistema, o Laboratório de Informática passou a operar com os seguintes equipamentos: um microcomputador PC-XT, um microcomputador PC-AT 286, dois microcomputadores PC-AT 386, e duas impressoras de, respectivamente 180 cps e 250 cps, além de incorporar como acessórios, um co-processador aritmético, um monitor VGA, e um "mouse". A importância da ampliação de capacidade informacional instalada reside no fato de que esse Laboratório atende a alunos da Graduação e dos Cursos de Pós-Graduação em Geologia e Geociências, e a professores, pesquisadores e funcionários do IGEO. Além disso, oferece regularmente cursos de treinamento, em diferentes níveis, aos usuários.

Biblioteca Setorial do Geociências - Sob a Coordenação da bibliotecária Maria das Graças Fujimori, a biblioteca do IGEO torna-se, com a operacionalização de sistema automatizado, um Banco de Dados que permitirá rápido acesso ao acervo bibliográfico, e recuperação imediata das informações existentes. Prevê-se, a curto prazo, a sua interligação com sistemas similares em operação no Estado e no País.

A informatização ora implantada representa, efetivamente, um "salto de qualidade" na gestão administrativa do Instituto de Geociências, ao modernizar o sistema de gerenciamento de todos os setores integrantes dessa Unidade, e possibilitar perspectivas favoráveis para uma melhoria substancial no apoio ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

PROBLEMAS-CHAVE DO MEIO AMBIENTE

O Instituto de Geociências e o Espaço Cultural EXPOGEO promoveram o curso de extensão "Problemas-Chave do Meio Ambiente", entre 21 de setembro e 28 de outubro, com um total de 60 horas. O corpo docente foi composto de 16 professores, de dez diferentes profissões, a saber: Helena Ribeiro Sobral e Ladislau Dowbor (PUC/SP), Roberto Godinho, Moacir José Costa Pinto Almeida e Volf Steinbaum (CETESB), Luís Pinguelli Rosa (UFRJ), José Walter Bautista Vidal (UNB), José Maria Landim Dominguez, Regina Celeste de Souza (IGEO/UFBA), Fernando Alcoforado (COELBA), Alberto Sanata (IBAMA/BA) e Euberlândio Guimarães (SEPLANTEC). Participaram do curso 80 técnicos e estudantes de Engenharia (Civil, Mecânica, Elétrica, Química e Sanitária), Química, Biologia, Geografia, Geologia, Direito, Administração, Pedagogia, Agronomia, Sociologia e Arquitetura.

O curso objetivou dar uma visão abrangente da problemática ambiental da atualidade, através de 18 aulas, cada uma delas abordando um problema fundamental do meio ambiente. Todas as aulas foram filmadas estando o pacote de filmes à disposição dos interessados na Biblioteca do Instituto de Geociências e no Espaço Cultural EXPOGEO. As empresas e entidades interessadas em adquirir o conjunto de filmes deverão contactar o EXPOGEO através do telefone 235.6002. Além disso, as aulas foram também gravadas em vídeo-cassete e as fitas estão sendo transcritas para fins de produção de um livro a ser lançado em janeiro/93, numa co-edição do IGEO/UFBA, Reitoria da UFBA e EXPOGEO, organizado por Joaquina Lacerda Leite e Alex Domingos Carneiro Pereira, coordenadores do curso.

Na avaliação dos coordenadores e participantes, o curso foi considerado plenamente

satisfatório, tendo funcionado, inclusive, como vetor de integração de ambientalistas e técnicos do setor empresarial, nos debates ocorridos nos finais das aulas.

O Instituto de Geociências e o EXPOGEO agradecem aos patrocinadores do curso, dentre os quais destacam-se: IBAMA/BA, CPRM, DNP, IBGE, UFBA, UNEB, GEOHIDRO Engenharia Ltda, ASEC-Associação de Engenheiros, Arquitetos e Tecnólogos da COELBA, AEPET-Associação dos Engenheiros da PETROBRÁS, Clube de Engenharia da Bahia, Xerox do Brasil, Dow Química, e CETREL.

WORKSHOP SOBRE IMPACTOS AMBIENTAIS E A GEOLOGIA

O Departamento de Geoquímica, em parceria com a empresa Dr. Kratzig Engenheiros Associados (República Federal da Alemanha), promoveu, um Workshop sobre "Impactos Ambientais e a Geologia". O evento, sob a Coordenação Geral da Profa. Suely Schuartz P. Mestrinho, foi realizado no Auditório do Pavilhão de Aulas da Federação - PAF/UFBA. Na oportunidade, reuniram-se profissionais ligados às questões do meio ambiente, notadamente, Engenheiros Civis, de Saneamento, e de Minas, Químicos, Geólogos, especialistas em Tecnologia Ambiental e Medicina Preventiva, além de dirigentes de organismos públicos e empresas privadas (CETREL, COFIC, COPENE, CRA, CPRM, ECOPLAN, PROMON, GEOHIDRO), e pesquisadores e estudantes da UFBA.

Três diretrizes básicas nortearam os objetivos deste Workshop: a) fornecer subsídios técnicos para o levantamento de áreas degradadas na Bahia; b) avaliar as possibilidades para diminuir os impactos ambientais decorrentes da mineração e atividades de garimpos; c) possibilitar um intercâmbio multidisciplinar de experiências entre profissionais e promover maior integração entre a Universidade e Empresas.

Durante os trabalhos, importantes relatos sobre o estudo geoquímico, monitoramento e recuperação do meio ambiente, foram apresentados sob a forma de seções temáticas (módulos específicos): MÓDULO A - "A Degradação por Metais Pesados em Áreas Industriais", coordenado pela Profa. Suely Schuartz Mestrinho (Departamento de Geoquímica); MÓDULO B - "Áreas Degradadas e Mineração", coordenado pelo Dr. José Carlos Vieira Gonçalves (CPRM); MÓDULO C - "Áreas Degradadas e o Lençol Freático", coordenado pelo Dr. Emanuel Mendonça (Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da Bahia); MÓDULO D - "Disposição de Resíduos Industriais e Domiciliares", coordenado pelo Dr. Emiliano Santiago (Associação Baiana de Engenharia Sanitária). No encerramento do Workshop foi realizada uma Mesa Redonda, sob a Coordenação do Dr. Andréas Marker (Dr. Kratzig), e da qual participaram como debatedores: Dr. Waldeck Ornelas, Secretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia e Presidente do Conselho Estadual de Proteção Ambiental - CEPRAM; Dr. Durval Olivieri, Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais - CRA; Dr. Hermes Inda, Diretor de Geologia e Recursos Hídricos da CPRM; e o Dr. Francisco Fontes Lima, Diretor Técnico da CETREL.

O acerto dessa iniciativa foi comprovado através do registro da presença de 152 participantes, pelo alcance dos objetivos prefixados, e ainda pelos conceitos firmados na Pesquisa de Opinião, aplicada entre os participantes, no encerramento do Workshop.

O evento foi documentado através de filmagem em VT pela equipe do Espaço Cultural Expogeo, e encontra-se à disposição dos interessados.

BIBLIOTECA SETORIAL DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

As bibliotecárias Maria das Graças Fujimori e Maria Helena Dias participaram do

"Treinamento sobre Atualização em Normalização Bibliográfica", no período de 15 a 22.09.92 e 30.09 a 07.10.92, promovido pela Biblioteca Central Reitor Macedo Costa, e Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento da Superintendência de Pessoal da UFBA. O conteúdo programático contemplou a apresentação e normalização de livros, folhetos, periódicos, teses e dissertações de interesse para aqueles que publicam e elaboram estes trabalhos.

Participaram do "Treinamento do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN)", Maria Helena Dias e José F. Neves, no período de 01.09 a 03.09.92, cujo conteúdo visou a apresentação da nova norma de Transcrição de Coleções, que já está sendo adotada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia - IBICT.

No dia 31.08.92, Maria Helena Dias participou do Treinamento sobre o Programa de Comutação Bibliográfica - COMUT/CCN, que teve como objetivos: melhorar o nível de desempenho das redes COMUT e CCN, visando alcançar novos padrões de qualidade; transferir conhecimentos face às novas tecnologias que serão introduzidas no fluxo operacional do COMUT, bem como a nova norma de transcrição de coleções a ser adotada pelo CCN; fortalecer o senso cooperativo das unidades participantes de ambas as redes, e estimular o ingresso de novas bibliotecas nas redes COMUT e CCN.

LABORATÓRIOS DE GEOQUÍMICA: UMA NOVA REALIDADE

O Departamento de Geoquímica, através da sua Coordenadoria de Extensão, possui uma infra-estrutura laboratorial que tradicionalmente vem prestando serviços analíticos à comunidade nas áreas de Geoquímica, Pedologia, Gemorfologia, Mineralogia e Petrografia.

Nos últimos anos, foram intensificados esforços visando consolidar e ampliar essa capacitação analítica, de modo a melhorar a qualidade de atendimento a projetos de pesquisa do Instituto de Geociências e à comunidade externa a Universidade Federal da Bahia. Atualmente, encontram-se em operação os seguintes equipamentos de médio e grande porte: Difratômetros de Raios-X (Philips Norelco e Philips PW1730), acoplados a um sistema computadorizado - microcomputador PC386 IBM, impressora EPSON LQ1050 e "softwares" para identificação e estudos mineralógicos; Espectrofotômetros de Absorção Atômica Perkin Elmer (modelos 306 e 403); e um Fotomicroscópio Zeiss (modelo AXIPHOL/POL).

No decorrer deste ano, foram obtidos recursos junto ao PADCT/FINEP, totalizando um montante de US\$136.536.00. Da aplicação destes recursos deve-se destacar a aquisição de peças de reposição para os equipamentos já instalados, e a aquisição dos seguintes equipamentos: Microdigestor e Destilador Kjeldahl-Prodial, Medidor de pH-Analyon modelo Pm500 e um condutivímetro-Analyser. Além disso, foram instaladas duas capelas de exaustão de gases, marca TECLAB. No momento, procede-se a importação de um Moinho Homogeneizador (OPEN-MIXER/MIL), um Moinho Pulverizador (SHATTERBUX); um conjunto de peneiras de nylon, e recipientes para digestão ácida, tipo Bomba de PARR.

No âmbito desse programa de revitalização de laboratórios setoriais merecem ser ainda mencionadas as iniciativas que vêm sendo desenvolvidas para a recuperação completa, a médio prazo, do aparelho de Fluorescência de Raios-X (RIGAKU), através de recursos pleiteados recentemente ao PADCT/FINEP.

Foi possível ainda a construção de um Laboratório de Petrografia, e a relocação do Laboratório de Geomorfologia. Paralelamente a estas medidas, encontra-se em an-

damento um Programa de Treinamento do pessoal técnico lotado nos laboratórios, visando um melhor aperfeiçoamento em técnicas específicas (Absorção Atômica; Preparação de Lâminas Delgadas e Secções Polidas, e Separação Granulométrica).

Complementa este elenco de iniciativas, a recuperação física dos laboratórios de Métodos Clássicos e de Absorção Atômica, reinaugurados em outubro de 1991. No conjunto, estas realizações significam a modernização da capacidade analítica do Departamento de Geoquímica, e a melhoria de capacitação do seu pessoal técnico, abrindo perspectivas favoráveis para a ampliação da oferta de serviços à comunidade, dentro dos requisitos de qualidade exigidos.

DEPARTAMENTO DE GEOQUÍMICA

Curso de Pós-Graduação em Geociências Palestras

- No dia 11 de setembro/92 foi proferida palestra pelo Prof. Dr. Joel Rodet (CNRS-LUMINY-Aix-en-Provence, França), sobre o tema "Problemas do Kerst na Área do Sítio Arqueológico de São Raimundo Nonato, Piauí".
- Programada para o dia 12 de dezembro/92 palestra do Prof. Dr. Jean-Pierre Muller (Lab. Mineralogie Cristallographique - URA/CNRS - Université Paris VI e VII), sobre o tema "Mineralogical Control of Surface Geochemistry as Exemplified by EPR Spectroscopy of Kaolinite".

Teses defendidas

Valmir Rodrigues da Silva - "Contribuição Geoquímica para Prospecção de Pb e Zn em Rochas Carbonatadas do Grupo Una, Chapada Diamantina Oriental - BA".

Tony Jarbas Ferreira Cunha - "Matéria Orgânica de Alguns Solos de Irecê-BA: Sua Dinâmica e Algumas Relações Pedogenéticas".

José Antonio Pacheco de Almeida - "Estudo Morfodinâmico do Sítio Urbano de Feira de Santana-BA".

Sérgio João Frizzo - "Prospecção Geoquímica de Elementos do Grupo da Platina Através de Concentrados de Batéia de Solos - Poço Redondo (Sergipe)".

Josias Paulo dos Santos - "Caracterização Mineralógica e Tecnológica de Argilas Expansivas das Bacias Sedimentares do Recôncavo e Tucano-BA".

André Luis Lopes Rocha - "Estado Atual da Bacia do Riacho dos Pais - Estudo Geomorfológico - Sento Sé-BA".

Francisco de Assis Souza - "Contribuição ao Estudo do Intemperismo Laterítico de Duas Regiões do Semi-Árido Baiano - Gentio do Ouro e Sento Sé-BA".

José Antonio Ferrari - "Interpretação de Feições Cársticas na Região de Iraquara-BA".

Paulo Cesar D'Ávila Fernandes - "Geoquímica e Mineralizações de Molibdênio de Granitos e Charnockitos Transamazônicos: Itaberaba-BA".

Marilda Alves Santos Pinto - "Petrogênese da Associação Plutônica da Região de Pé de Serra-BA-Brasil".

APOSENTADORIAS

No período foram registradas as aposentadorias por tempo de serviço dos professores: Olívia Clementina de Azevedo Vergne, (Departamento de Geoquímica), Portaria nº 1572/92 de 20 de outubro/92; Therezinha Cavazini Penna de Carvalho (Departamento de Geografia) Portaria nº 746/92

de 16 de junho/92; Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva (Departamento de Geografia) Portaria nº 1142/92 de 31 de agosto/92; Euda Maria Cunha Caldas (Departamento de Geografia) Portaria nº 1127/92 de 31 de agosto/92; Shiguemi Fujimori (Departamento de Geologia e Geofísica Aplicada) Portaria nº 887/92 de 31 de julho/92; e os Servidores Técnico-Administrativos: Maria Alba Farias Tanner de Oliveira (Departamento de Geoquímica) Portaria nº 5300/92 de 05 de maio/92; Neyde dos Santos Scaldaferrri (Secretaria Geral) Portaria nº 1139/92 de 31 de agosto/92 e José Justiniano Bomfim (Secretaria Geral) Portaria nº 705/92 de 09 de junho/92.

FORMANDOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOLOGIA 1º SEMESTRE DE 1992

- Adelson Fêlicio de Santana
- Jozidalva Guimarães Gomes dos Santos
- Luiz Edmundo de Abreu da Maia
- Miguel Majdalani Neto (*Orador*)
- Rommulo Vieira Conceição
- Ronald Monteiro de Araújo Filho
- Sandra Cristina dos Santos Souza
- Sheila Freitas Ribeiro Andrade
- Walter de Oliveira Menezes Filho

FORMANDOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (LICENCIATURA) 1º SEMESTRE DE 1992

- Cláudia Teles da Paixão
- Elenice Nascimento dos Santos
- Maria Lúcia Neves Salvador
- Paulo Cesar Souza Argolo

HOMENAGEM A DOCENTES

A Congregação do Instituto de Geociências, reunida em 28 de agosto do corrente, aprovou propostas no sentido de homenagear os professores Yeda de Andrade Ferreira e Shiguemi Fujimori, dando seus nomes, respectivamente, ao Auditório e a Biblioteca Setorial do Instituto de Geociências.

A homenagem à Profa. Yeda Ferreira foi proposta pelo professor titular Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva, em reconhecimento a dedicação e relevantes contribuições que a ex-diretora do IGEO vem prestando ao desenvolvimento desta Unidade.

O nome do Prof. Shiguemi Fujimori foi proposto pelo Diretor do IGEO, Prof. Francisco José Gomes Mesquita, numa demonstração de respeito ao mestre e pesquisador, que ao longo de sua vida acadêmica, firmou-se como exemplo de seriedade e competência no cumprimento de suas funções universitárias.

Ao prestar essas homenagens, o Instituto de Geociências ao lado de reconhecer o mérito dos referidos professores, deseja que as suas trajetórias profissionais e pessoais sirvam como exemplo para a nova geração que constrói a Universidade.

Em solenidade que contou com a presença de professores, alunos, funcionários e profissionais das Geociências, foram descerradas placas alusivas ao evento.